



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PRONTEIRA SUL  
CAMPUS ERECHIM  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**CARLOS RENATO COMINETTI BAÚ**

**A MÚSICA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

**ERECHIM**

**2020**

**CARLOS RENATO COMINETTI BAÚ**

**A MÚSICA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Halferd Carlos Ribeiro Júnior

**ERECHIM**

**2020**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Baú, Carlos Renato Cominetti  
A MÚSICA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE  
HISTÓRIA / Carlos Renato Cominetti Baú. -- 2020.  
62 f.

Orientador: Doutor Halferd Carlos Ribeiro Júnior

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em História, Erechim, RS, 2020.

I. Júnior, Halferd Carlos Ribeiro, orient. II.  
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**CARLOS RENATO COMINETTI BAÚ**

**A MÚSICA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Halferd Carlos Ribeiro Júnior

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

29/01/2021

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Caroline Rippe Klein - UFFS

---

Prof. Dr. Gerson Egas Severo – UFFS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Isabel Rosa Gritti - UFFS

Dedico este trabalho a todos e todas que estiveram junto comigo em todo decorrer do trabalho. Especialmente à minha esposa e filhos, que ao meu lado sempre foram incentivadores para realização deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos que estiveram ao meu lado durante o curso de Licenciatura em História. Aos professores que nos passaram conhecimentos. Ao meu orientador Halferd Carlos Ribeiro Júnior e aos professores que fizeram parte da banca arguidora, Caroline Rippe Klein, Gerson Egas Severo e Isabel Rosa Gritti. Aos meus pais, Luiz e Mirian Baú, e minhas irmãs Lilian e Suelen Baú. Aos meus colegas que trilharam junto comigo este caminho de formação. Agradeço todos professores que cederam suas turmas para realização dos estágios, sem eles nada seria possível. Foram todos parte de um processo longo e intenso, de muitos obstáculos e desafios, mas que agora finda-se uma parte da caminhada.

Posso saber pedagogia, biologia como astronomia, posso cuidar da terra como posso navegar. Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso, tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei. E saberei tão melhor, e mais autenticamente quanto mais eficazmente construa minha autonomia em respeito às dos outros. (FREIRE, 1997, p. 106)

## RESUMO

O presente trabalho descreve como a Música pode ser inserida dentro das aulas de História. Trabalha partindo da prática dos estágios, das pesquisas de diversos historiadores dentro da perspectiva da Música como ferramenta pedagógica, com as possibilidades que o estudo da neurociência educacional proporciona aos professores e alunos tudo isso aliado a prática musical do autor como instrutor de música com mais de vinte anos de atuação. Demonstra diversas formas de como utilizar música nas aulas de História, assim como descreve como foi utilizada a Música nos estágios. A pesquisa fala dos benefícios que a música pode trazer para as aulas de História. Com a Música nas aulas de História pode-se trabalhar com uma diversidade de alternativas, elas vão muito além do simples fato de inserir em um determinado tempo da aula uma canção. Com a Música em sala de aula pode-se aproximar os alunos da escola, envolvendo-os nas mais diversas possibilidades que um projeto de Música nas aulas de História pode proporcionar. Além disso, o presente trabalho constata que é preciso levar em conta diversos aspectos antes de propor a Música para as aulas de História, visto que as realidades de cada Escola e a personalidade de cada aluno precisam ser respeitadas.

**Palavra-chave:** Ensino de História. Música. Didática.

## ABSTRACT

The present work describes how the Music can be inserted into History classes. It considers practices of internships, researches of several historians from the perspective of Music as a pedagogical tool, with the possibilities that the study of educational neuroscience provides to teachers and students all this combined with the musical practice of the author as a music instructor with more than twenty years of experience. It demonstrates different ways of using music in History classes, as well as describing how Music was used in stages. The research shows the benefits that music can bring to History classes. Music in History classes gives more opportunities to work the contents, they go far beyond the simple fact of inserting a song at a certain time in the class. With Music in the classroom, students can be brought closer to the school, involving them in the most diverse possibilities that a Music project in History classes can provide. In addition, this paper finds that it is necessary to take into account several aspects before proposing Music for History classes, since the realities of each School and the personality of each student need to be respected.

**Keyword:** Teaching History. Music. Didactics.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1.....</b>	<b>17</b>
<b>MUSICANDO A HISTÓRIA .....</b>	<b>17</b>
1.1 O ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIO DA MÚSICA .....	17
1.2 MÚSICA E NEUROCIÊNCIA .....	20
1.3 O QUE PENSAM OS HISTORIADORES QUE PESQUISAM A RESPEITO DA MÚSICA NO ENSINO DE HISTÓRIA? .....	23
<b>CAPÍTULO 2.....</b>	<b>31</b>
<b>ESTÁGIO CURRICULAR I E II: MÚSICA E ENSINO DE HISTÓRIA .....</b>	<b>31</b>
2.1 A EXPERIÊNCIA DOCENTE DO USO DA MÚSICA NO ENSINO DE HISTÓRIA ...	31
2.2 RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DAS AULAS.....	32
2.3 MÚSICA NA REGÊNCIA DO ESTÁGIO II: MÚSICA, UMA FORMA ENVOLVENTE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA .....	36
<b>CAPÍTULO 3.....</b>	<b>40</b>
<b>MÚSICA NAS AULAS DE HISTÓRIA DO ENSINO MÉDIO .....</b>	<b>40</b>
3.1 ESTÁGIOS III E IV: UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE DO USO DE MÚSICA NO ENSINO MÉDIO .....	40
3.2 APRESENTAÇÃO DA ESCOLA E OBSERVAÇÃO DO ENSINO MÉDIO .....	40
3.3 COMO FOI TRABALHADA A MÚSICA NA REGÊNCIA DO ENSINO MÉDIO .....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>49</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

Em 1998, após a prestação do serviço militar obrigatório, o autor iniciou sua prática profissional como educador musical na Escola de Bellas Artes de Erechim-RS, Osvaldo Engel. Concomitantemente cursava Música na Universidade de Passo Fundo (UPF), Bacharelado em Piano. No entanto, já havia concluído o curso “Teoria e Percepção Musical” na Escola de Bellas Artes de Erechim, período em que ministrou aulas particulares de música, na própria Escola de Bellas Artes, experiência que possibilitou adentrar no mundo do ensino com mais tranquilidade.

Em sua gama de atividades com a música, o autor, ministrou aulas na Escola São José de Erechim, trabalhou com uma turma de música no município de Mariano Moro, mais precisamente na comunidade Linha Várzea. Atualmente, ministra aulas de música em uma ONG (Organização Não Governamental), Centro Cultural e Assistencial São Cristóvão, (CECRIS). Também atua com atividades musicais extracurriculares na Escola de Educação Básica da URI de Erechim-RS, com atividades nos corais infantil, infanto-juvenil, no coral da chamada “Universidade Sem Limite<sup>1</sup>”, aulas de violino e violão desde o ano de 2008.

No ano de 2002, o autor acaba por deixar a Escola de Bellas Artes para dar aula no Colégio São José, onde se deparou com uma nova realidade. Aulas coletivas, diferentemente da escola anterior onde as aulas eram individuais. A nova realidade foi encarada com uma certa apreensão, mas logo o autor foi encantado pelas possibilidades que as aulas coletivas. Ressalta-se que se forem levantados os prós e contras das aulas coletivas ou individuais, para o autor o processo de ensino-aprendizagem é mais eficiente na forma coletiva. Tais questões são importantes para a explicitação dos objetivos desse Trabalho de Conclusão de Curso. Normalmente, as aulas individuais de música não passam de uma hora. Há quem opte por 45 ou 50 minutos. Para o autor em questão as aulas deveriam ser de no mínimo 60 minutos. A questão gira em torno do tempo em que o cérebro tem condições de manter-se atento. Como cada pessoa é única, e a capacidade de atenção é diferente para cada pessoa, o autor busca metodologias contínuas para atender as diversas personalidades e características dos alunos que lhe procuram. O autor defende que mesmo em um determinado momento da aula coletiva onde o aluno estaria esperando sua vez de ser atendido, ele está aprendendo. O processo de aprendizagem ocorre por meio da audição, troca de experiências e com o contato com os colegas que acabaram de receber a orientação do professor. Uma das possibilidades que a aula em grupo

---

<sup>1</sup> “Universidade Sem Limite” é o nome dado a um grupo de senhoras de idade avançada, onde desenvolvem diversas atividades. O canto coral vem a ser um dos trabalhos da participação dessas senhoras.

proporciona é a de ensinar uma música com várias vozes ou em contraponto aguçando-se a percepção musical dos alunos. A interatividade entre os alunos faz com que eles se motivem, traz desafios do querer mostrar, do querer inserir-se em um grupo. Entre diversas outras vantagens, salienta-se aqui a troca de experiências, onde muitas vezes alguém do grupo aprendeu algo diferente e compartilha, o que é altamente enriquecedor para todos.

Nos relatórios de atividade estão salientadas as possibilidades que a música proporciona para o cidadão. Muitas vezes o autor se depara com pessoas que na escola tinham dificuldades de aprendizagem e por conta disso são rotulados como incapazes pela família, pela escola e sociedade em geral. A música vem ser a porta de abertura para muitos que não conseguem se encontrar no meio social, mas que na música muitas vezes descobrem que podem fazer algo que faça sentido, para ele mesmo ou para sociedade.

Direcionando-se a atividade musical do autor no Centro Cultural e Assistencial São Cristóvão (CECRIS), pode-se descrever experiências onde muitas vezes dentro da sala de música alguém não se identifique com um instrumento com o qual achava ser seu instrumento preferido. Como na Entidade Cecris há os mais diversos instrumentos de sopro, cordas e percussão, pode-se direcionar o instrumento certo para cada aluno. Existem instrumentos que demandam certa delicadeza, cuidado, outros nem tanto. Um clarinete por exemplo, além do cuidado com a palheta que é algo muito sensível, todas as chaves são altamente delicadas, as conexões entre suas partes possuem uma cortiça que precisa ser lubrificada. Outros instrumentos como a bateria, percussão em geral, não requerem tanto zelo. Deteve-se a tais considerações para refletir sobre as particularidades dos instrumentos e que elas podem ou não encaixar-se em determinadas personalidades individuais. O ensino da música, assim como de qualquer outra área, possui particularidades específicas. Percebe-se a música como algo altamente viável no ensino de qualquer área. O autor, como graduando do curso de licenciatura em História, procurou fazer uma aproximação entre essas áreas.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades pra a sua própria produção ou sua construção. Quando entro em sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho-a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 1987, p.52).

Respeitar a subjetividade dos alunos, partindo de suas experiências, de suas realidades. Assim sendo, a aproximação dos alunos com a escola, assim como Freire (1987) desafia a tornar a sala de aula um espaço de diálogo.

A História é uma disciplina que estabelece diversas relações com outras áreas do conhecimento, e principalmente ela é uma das responsáveis para questionar a realidade do educando para propor respostas às suas indagações. Ela faz uma ponte entre o passado e presente quando desafia os alunos a correlacionar fatos passados com atos que ocorrem na atualidade, assim como quando aprende-se que nosso presente foi moldado por uma temporalidade de arranjos e desarrajos. A História possibilita a construção de questionamentos sobre o cotidiano, a política, a cultura, as tradições, aos costumes, as religiões, entre tantas outras possibilidades. Paulo Freire coloca: “É um pensar que percebe a realidade como processo que a capta em constante devenir e não como algo estático” (FREIRE, 1987, p.82). O tempo histórico é um constante movimento de construções, nunca para de modificar-se. A ação do homem transforma a todo instante as relações, tanto na educação, como qualquer outra área. Por isso a necessidade da interdisciplinaridade, criar ferramentas, proporcionar aos alunos novas formas de aprendizado.

Segundo Freire (1987), o conceito de *interdisciplinaridade* surgiu nos anos de 1980, como movimento contrário a disciplinarização. Uma resposta ao momento em que o Brasil vivia sob um regime militar. Este conceito vem se tornar prática de ensino da grande maioria das escolas e instituições de ensino. Quando a interdisciplinaridade acontece, a dialética surge, é proporcionado ao aluno variadas formas de compreensão do todo.

O curso de Licenciatura em História, proporciona a vida acadêmica uma nova maneira de entender o Ensino. São 9 semestres onde os alunos são desafiados a trabalhar com a apresentação de seminários, composição de artigos acadêmicos, pesquisas e problematização de fatos que há pouco tempo eram ensinados como algo estático e imutável, a História da “decoreba” das datas e nomes de “heróis”. No primeiro semestre, durante a apresentação do primeiro seminário, cujo tema foi sobre “Émile Durkheim”, foi onde surgiu a motivação para a pesquisa aqui proposta. Partindo das principais ideias defendidas por Durkheim, trabalhou-se uma música para encerramento da apresentação daquele seminário. Por ter certa familiaridade com questões musicais aquilo foi muito válido para que fosse traçada uma linha de perfil na caminhada acadêmica do autor.

No sexto semestre da graduação, no estágio de observação, e com a devida autorização do professor titular da turma, aplicou-se um questionário aos alunos. As perguntas que foram indagadas serviriam de termômetro e também como preparação para o que seria aplicado nos estágios de regência. Questionados sobre as aulas de História, o interesse dos alunos, e como percebiam a possibilidade de trabalhar Música nas aulas de História, percebeu-se que existia aí

uma oportunidade de ensino. Era o início de uma construção onde colocaria em diálogo a Música e a matéria do conhecimento com o qual estava se formando.

A ideia de desenvolver o TCC nesta linha de pensamento, em que articula-se a experiência musical com o curso de licenciatura em história, é construída no momento em que percebe-se a reação dos alunos na aplicação do referido questionário. Uma das perguntas dizia: “O que você acha do ensino de história com música?” Uma outra pergunta: “Você já teve em algum momento professores que deram aula de história utilizando-se de música?”

Embora o autor tivesse sentido euforia no primeiro momento, logo os demais professores e colegas lembraram que o fato de fazer uma pergunta na própria aula de história e a presença do professor titular junto ao momento das respostas, teria sim um resultado amplamente favorável, mas da mesma forma foi um grande impulso para a continuidade do projeto de ensino. As respostas dadas pelos alunos, com relação a preferência particular pela disciplina História, também foram altamente favoráveis.

Com esta motivação inicial, gerada pela pesquisa aplicada, aliada ao fato de Música e História serem as verdadeiras paixões do autor, não houveram dúvidas que ali se encontrava os elementos para seus próximos estágios e também para o TCC. Quando elaborou-se o plano de aulas para o segundo estágio, o de regência, o professor orientador ressaltou a possibilidade de estar aí um caminho aberto para o trabalho de conclusão de curso. Foi este o pontapé inicial para definir o tema da pesquisa e problematização envolvida em: A Música como ferramenta pedagógica no Ensino de História.

Ao pensar na sala de aula deve-se pensar nos alunos. De que maneira os alunos pensam na sala de aula? Como eles veem as aulas de História? Neste sentido Severo (2004), faz uma reflexão acerca do fazer sentido para nossos alunos.

Assim, no ensino de História, o que nós, professores, podemos fazer *inicialmente*, para desenvolver um trabalho de qualidade minimamente razoável, reintroduzindo o ambiente da escola, do ensino-aprendizagem, no cotidiano em que o aluno terá de viver sua vida, *significar* a si mesmo e a seu mundo, é proceder a uma reflexão que contemple não somente o saber epistemológico que subjaz à nossa prática escolar- o que fará com que estejamos aptos a oferecer respostas eficazes a desafios que se apresentam no cotidiano escolar, dos quais a desmotivação dos alunos é um dos mais prementes [...] (SEVERO, 2004, p. 55)

Gerson Severo (2004), em sua análise referente aos problemas com a desmotivação dos alunos, no seu livro “*Com Lumière em sala de aula*” no capítulo II, trabalha partindo de uma frase em que uma aluna sua, do primeiro ano do antigo segundo grau de uma escola de Porto Alegre, responde em uma entrevista: ‘*não tem nada a ver com a vida da gente.*’ Com esta

constatação, Severo (2004) desenvolve uma linha de raciocínio onde nos indaga a relação entre o cotidiano do aluno com as aulas de História. Qual seria o significado de uma aula onde ficam somente palavras, segundo Severo (2004, p.51), “apenas palavras, mais ou menos compreensíveis, integradas em uma estrutura de frases e de aulas menos ou mais interessante, mas sempre-*sempre*- palavras que comunicam algo que [...]”. Penso que este trabalho de conclusão de curso precisa minimamente traçar um caminho que possa ser aplicado dentro de sala de aula. No livro de Severo (2004), há uma proximidade indireta, embora com caminhos distintos, Música e Cinema andam muito próximos. No segundo capítulo, Severo (2004) faz um enquadramento teórico, onde dialoga com o presente trabalho quando refere-se aos desafios para se ensinar História.

A motivação deste TCC é a busca constante da excelência no processo de ensino-aprendizagem levando-se em consideração que as aulas devem: *fazer sentido para o aluno*. A aula de História precisa ser pensada partindo deste propósito: até que ponto minhas aulas fazem sentido para meus alunos?

Ao problematizar o assunto, para dar a pesquisa um tom acadêmico, percebeu-se que a forma de ensinar História com Música, necessitaria de uma aproximação com neurociência. Não para aprofundamentos neurocientíficos, mas para fazer a ponte entre a informação e a forma como ela é recebida no cérebro quando oferecida ao aluno com a ferramenta “Música”. Para isso, pesquisaram-se trabalhos de Estela Mari Santos Simões e Arnaldo Nogaro (2016), onde no livro “*Neurociência Cognitiva para Educadores*” são desenvolvidas questões pertinentes ao ensino. Simões e Nogaro (2016), aproximam a neurociência da educação. Desta forma, com a neurociência, é possível relacionar o ensino docente junto à forma em que o aluno recebe as informações. Com Viviane Cristina da Rocha e Paulo Sergio Boggio (2013) para fazer-se uma aproximação da música em uma óptica neurocientífica. Seguindo a ordem, o trabalho vem a estruturar-se em teóricos como Jean Piaget, Paulo Freire e Lev Semyonovich Vygotsky, para questões direcionadas às pesquisas na área do desenvolvimento e etapas da aprendizagem, assim como a atuação mais prática, se pensar-se em específico ao já citado Paulo Freire.

Para melhor compreensão do ensino de História e Música no processo de ensino aprendizagem, volta-se para a pesquisa Circe Maria Fernandes Bittencourt (2004) e Katia Maria Abud, SILVA, André Chaves de Melo Silva; Ronaldo Cardoso Alves (2010). Para uma melhor fundamentação na metodologia do ensino de História, Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli (2004). Entre outros, não menos importantes e fundamentais trabalhos, as práticas e experiências com os estágios serão apresentadas. Não pretende-se dizer que minhas práticas

sejam o que há de melhor, mas que podemos aprender entre erros e acertos no decorrer da experiência da atuação como regente em sala de aula.

O diferencial do trabalho proposto se destaca por conta das conexões criadas entre Ensino de História, Música e Neurociência. Os trabalhos em torno deste assunto, em geral, tratam da questão: utilização da música como algo que possui uma letra a ser analisada. Acredita-se que o presente trabalho faz uma abordagem de um ponto de vista onde, a grosso modo, tem-se uma informação que é repassada aos alunos por meio de estímulos musicais. Será visto no decorrer do trabalho que para cada aula foi criada uma música específica, claro que observando alguns critérios posteriormente determinados. A música proposta, precisa ser algo que chame a atenção do aluno, que em seu conteúdo possua a essência daquela aula específica, sem esquecer dos conceitos estruturantes e da problematização dos temas propostos.

Nos anos 80, no processo histórico de derrubada da Ditadura Civil Militar professores e pesquisadores articularam o construtivismo com diferentes correntes historiográficas, defendendo uma prática de ensino planejada a partir da história de vida dos alunos, o uso de temas significativos, partindo do presente para depois relacionar com outros momentos históricos e espaços geográficos distintos. Dessa forma, os temas e as formas de se ensinar História se multiplicaram, valorizando a utilização de documentos históricos, entrevistas, imagens; os alunos deixaram de ser um agente passivo no processo de ensino e/ou aprendizagem, ao mesmo tempo em que foram considerados sujeitos históricos (RIBEIRO JÚNIOR; SOLÉ, 2020, p.5).

As diversas correntes historiográficas que vieram a trazer luz a questões pertinentes, de que os alunos devem, partindo de uma concepção freireana, ter sua realidade cotidiana levada em conta. Ou seja, a primeira atenção deve ser dada à subjetividade dos alunos. De acordo com Ribeiro Júnior e Solé (2020), é preciso valorizar novas formas e fontes de documentação. A busca por alternativas e ferramentas metodológicas precisa ser constante para docência. O artigo de Ribeiro Júnior e Solé (2020) aproxima-se do presente trabalho quando traz para o debate reflexões acerca de estágios. Os estágios são nosso laboratório de pesquisa e assim deve ser. A sala de aula pode nos proporcionar diversos resultados quando avaliamos estágios e sala de aula.

Os estágios formaram os elos entre a formação e as práticas como instrutor musical. Foram 4 estágios, no primeiro, observação no ensino fundamental, o segundo docência no ensino fundamental, o terceiro observação no ensino médio e o quarto docência no ensino médio. O Estágio I serviu de preparação para o II, visto que ocorreram na mesma escola e com o mesmo professor supervisor. Nos Estágios III e IV, embora tenham ocorrido na mesma escola, e sendo outra instituição de ensino que do estágio I e II, diferenciou-se por conta da pandemia

de COVID-19, ano 2020 e 2021. No capítulo 3 deste mesmo trabalho é desenvolvida com mais detalhes a observação e atuação dos Estágios III e IV.

As pesquisas, as experiências nos estágios e as propostas que serão analisadas, devem ser pensadas a partir da ideia que a habilitação desta licenciatura em História tem uma extensão que vai do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Por tanto, há de se considerar que uma linguagem proposta a um Pré-adolescente precisa diferenciar-se da linguagem que se deve propor a um jovem que está prestes a prestar o vestibular, ou mesmo ingressando no mercado de trabalho. Não se trata de propostas estanques que sejam aplicadas da mesma maneira para diferentes faixas etárias ou mesmo realidades sociais. Será tratada da definição de estratégias voltadas para compreensão da realidade da escola. A adaptação da forma como a música deve ser aplicada vai depender da percepção que o professor tem daquele local ou daquela turma específica.

## **CAPÍTULO 1**

### **MUSICANDO A HISTÓRIA**

Proporcionar ao Ensino de História novas possibilidades, onde parte-se de realidades que possam fazer sentido e ter aceitação dos alunos. As novas vertentes historiográficas apontam para isso. Precisa-se fazer frente aos desafios tecnológicos que se apresentam, e a música pode ser uma ferramenta viável que independe do professor ser da área da música. São várias as formas de como trabalhar Música no Ensino de História. Musicar a História é dar uma nova luz para a forma de trabalhar o ensino desta área. Para que algo seja musicado, é necessário que tenhamos inicialmente um domínio do assunto envolvido. Ao propor Música abraça-se de forma indireta algo que é por muitos é considerado como somente artístico, mas pode e tem potencial para fundir-se aos propósitos do ensino.

Ao propor-se algo que aciona áreas cerebrais que são acionadas pela música, ativa-se os receptores das informações. Aliando Ensino de História, Música e Neurociência Educacional, o presente trabalho faz reflexões e traz para discussão opiniões de historiadores sobre o potencial da Música para o Ensino de História.

#### **1.1 O ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIO DA MÚSICA**

O ensino atual, início da segunda década do século XXI, precisa de alternativas viáveis em relação a custos para sua execução, assim como práticos e didaticamente atrativos para nossos alunos. Aliando Música ao Ensino de História, pode-se proporcionar possíveis saídas para preencher lacunas abertas na questão envolvendo formar alunos que tenham capacidade crítica e conhecimento histórico. A produção do conhecimento histórico, vinculado à ferramenta didática “Música”, pode ser ministrada por qualquer professor, independentemente de ter ou não conhecimento musical.

Muller e Ribeiro Junior (2020), problematizam questões que envolvem o ensino de História, no artigo “O uso de textos e imagens para a construção de relações entre o presente e o passado no Ensino de História”, os autores analisam, partindo de respostas e observação de alunos estagiários de uma escola do norte do estado do Rio Grande do Sul, qual sua relação com o Ensino de História e como a relação passado e presente é descrita pelos estudantes. De forma muito particular aquele estágio foi conduzido para que novos caminhos apontassem a

direção que pudesse envolver aqueles alunos. De certa maneira o artigo de Muller e Ribeiro Junior (2020), corrobora com o presente TCC quando aponta para possíveis lacunas que, por exemplo, o livro didático por vezes acomoda professores e alunos. Por outro lado, segue o caminho do uso de imagens para fazer com que os alunos entendam a relação passado e presente, produzindo alguns indícios de onde os professores devem atuar para melhorar a qualidade no Ensino de História.

Segundo o IDEB de 2017<sup>2</sup>, nosso sistema educacional precisa evoluir com relação desempenho dos alunos brasileiros na comparação com outras nações. Claro que precisa-se partir da realidade individual para melhorá-la. Poderia se partir para diversas análises da situação de precarização com a qual nosso ensino vem sendo submetido, tanto na questão da falta de investimentos na educação, como na atual conjuntura que faz da tendência tecnicista de áreas do conhecimento como uma saída para nossos problemas. Fazer pensar, questionar, problematizar são atributos das áreas humanas, em especial tratamos da História.

Assim como a sociedade modifica seu *modus operandi*<sup>3</sup> com certa agilidade, nossa forma de lidar com a educação precisa acompanhar esse que parece ser um terreno movediço. Vê-se com muita propriedade que “o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente lido, escrito e relido” (FREIRE, 1996, p. 109). Por meio da música, pode-se trabalhar a área do sistema límbico, potencializando o ensino. Uma aula de História, trabalhada com determinada música em uma escola de periferia, pode não ser apropriada para uma escola do centro de uma cidade ou mesmo em uma escola rural. Quando Freire fala da necessidade em fazer, refazer e fazer novamente, desperta-se para a saída do comodismo. Refere-se a ter-se o cuidado com as músicas com as quais iremos trabalhar. Pode ser que em uma determinada localização a música que lhes chame atenção seja diferente da escola de outra área ou local. A aula de História com Música, inevitavelmente deverá respeitar o local e as particularidades que envolvam a escola ou turma que será aplicado. Frisa-se novamente a importância de que nem uma aula deva ser igual a outra.

Assim como Paulo Freire abre um caminho com a questão pedagógica, onde ela deve ser constantemente “atualizada”, a questão aprendizagem está, obviamente, ligada a questões sinápticas neurais. O cérebro empenha-se em aprender aquilo que lhe pareça com mais

---

<sup>2</sup> Dados do IDEB- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica 2017, demonstram que a cada 100 alunos, sete foram reprovados. Fonte: <https://www.qedu.org.br/brasil/ideb>

<sup>3</sup> *Modus operandi* é uma expressão em latim que significa “**modo de operação**”, na tradução literal para a língua portuguesa. Fonte: [www.significados.com.br/modus-operandi](http://www.significados.com.br/modus-operandi)

significância. Para Pozo (2002, p.148), “as pessoas lembram aquilo em que prestam atenção, o que processaram ativamente, ou seja, o que costumam ser as características relevantes”. Se aproveita-se o potencial de significância que as músicas possuem para qualquer ser humano, entende-se como a música é uma ferramenta didática pedagógica poderosa. Faz-se um atalho sináptico entre o objetivo, “Ensino de História”, com o “as características relevantes” intrínsecas às músicas.

São diversas as possibilidades da utilização da Música nas aulas de História, e será sempre frisado aqui. Descreve-se as variadas formas de utilização da música com a qual diversos professores trabalham, abrindo diversas possibilidades. Normalmente quando os alunos são pequenos os professores cantam muito em sala de aula e à medida que se tem uma turma de adolescentes, jovens ou adultos, o professor fica em diversos casos, inibido. O foco é “Música no Ensino de História” e com um direcionamento do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Não é preciso ser músico para utilização do recurso musical em sala de aula. Cada professor, dentro das suas possibilidades pode criar seus meios.

Enumerando algumas formas da utilização do recurso pedagógico “Música”. Uma forma muito utilizada é aquela onde uma determinada música fala diretamente de um fato histórico. Usando um exemplo, a música “*Sunday Bloody Sunday*<sup>4</sup>” da banda U2, pode-se utilizar a canção para reflexão em torno de dois fatos históricos. O “Domingo Sangrento Russo”, ocorrido em 9 de janeiro de 1905 em São Petersburgo e também ao massacre cometido pelo exército inglês, em 30 de janeiro de 1972, na Irlanda do Norte. Se sabe-se da preferência musical dos alunos, ou mesmo sua banda preferida, pode-se propor atividades de pesquisa onde o aluno poderia responder em que contexto social surge determinada banda? Quais os motivos para composição de determinada música? Se estivermos trabalhando com o período da “Ditadura Militar no Brasil” do ano de 1964, o movimento cultural “tropicália” trará diversas formas de abordagem. Nos estágios de regência, por conta da experiência das 15 horas, optou-se por trabalhar com paródias. Fundamenta-se a opção por conta da possibilidade de ir direto ao ponto central da aula em questão. As formas de trabalhar música vão depender exclusivamente do professor, demanda tempo, pois além de preparar a aula, a música precisa ser estudada, treinada, algumas vezes composta, arranjada entre outras. Todo novo desafio demanda tempo e dedicação.

Ter uma certa proximidade com o estudo de como o aluno aprende ou como o cérebro entende as informações, é um bom complemento no trabalho a ser desenvolvido. Por isso, a

---

<sup>4</sup> “Sunday Blooy Sunday” Canção que faz parte do álbum War. Música da banda irlandesa U2. Foi lançada em 21 de março de 1983.

seguir, será apresentado a neurociência + ensino podem nos apontar caminhos e também de que forma a neurociência entende a música. Como a neurociência recebe a informação através do que chamamos de “A Música como ferramenta pedagógica no Ensino de História”.

## 1.2 MÚSICA E NEUROCIÊNCIA

A memória lembra aquilo que foi aprendido. Ou seja, isso está diretamente ligado à *mente consciente*<sup>5</sup> e *mente inconsciente*<sup>6</sup>. Na mente consciente está a atenção nas coisas novas que são apresentadas como; ler um novo livro, atenção ao trânsito, procurar algo perdido. Na mente inconsciente são apresentados os movimentos gravados, automáticos, com os quais não necessita-se de atenção, faz-se sem pensar como; caminhar, respirar, executar uma música automaticamente, ou seja, tudo que repetidas vezes praticamos e gravamos. O memorizado está no inconsciente, é automático. O usual está no consciente, precisa pensar. Quando ensina-se por meio de música, diminuí-se a quantidade de repetições necessárias para memorização. Não se trata de “decoreba”, mas da forma que o professor irá conduzir a aula. Existem elementos musicais inerentes à melodia e ritmo, que fazem da música algo mais rápido de ser memorizado.

Embora a neurociência não seja o objeto de estudo deste TCC, as reflexões que tem sido produzidas por esta área do conhecimento contribuem para construção de reflexões sobre a música e os processos de aprendizagem. Por isso, pode-se refletir sobre o Ensino de História e Música. Se forem colocados em uma ordem, Ensino de História + Música + Neuroeducação, tem-se um conhecimento sólido para melhor conectar-se nos alunos e apresentar-se Ensino de História nas nossas aulas.

Estela Mari Santos Simões e Arnaldo Nogaro (2016) na obra “Neurociência Cognitiva Para Educadores: Aprendizagem e Prática Docente no Século XXI”, argumentam que precisa-se melhorar a forma de interagir com alunos, aprimorando a maneira como as informações (conteúdo) é trabalhado com eles, desse modo é necessário repensar a educação. Concordo com os autores ao afirmar que: “Os profissionais da área da educação devem sentir esta necessidade, buscar informações, formações e empenhar-se em pôr em prática tais saberes, a fim de melhorar e facilitar a aprendizagem de seus alunos” (SIMÕES; NOGARO, 2016, p.37).

Para Simões e Nogaro (2016), as sensações que experimentamos em nossas vidas, todos os sentimentos: alegria, tristeza, indignação, raiva, medo, influenciam as funções e processam-

---

<sup>5</sup> “*Mente consciente*” é a parte do cérebro que pensa.

<sup>6</sup> “*Mente inconsciente*” é a parte do cérebro onde já está tudo gravado, aquilo que já foi aprendido.

se no ser humano. Ao relacionar música com os sentimentos gerados por ela, não se trata de ter resolvido todo e qualquer problema de sala de aula. A questão é utilizar a emoção causada pela música para facilitar o processo de ensino, ancorado na questão dos diversos estímulos cerebrais onde a música é a ferramenta perfeita para esta ação.

Para Damásio<sup>7</sup>, médico neurologista e neurocientista português: “Se uma cena tiver algum valor, se o momento encerrar emoção suficiente, o cérebro fará registros multimídia de visões, sons, sensações táteis, odores e percepções afins e os representará no momento certo” (DAMÁSIO, 2011, p. 167). Nada mais envolvente e emocionante que aquela música que marca momentos. Muitas vezes uma música ou melodia marcam uma geração inteira, cada um com suas sensações relacionadas a aquela música específica. Com isso, como já mencionado anteriormente, precisa-se levar em conta a realidade social, cultural ou religiosa da sala de aula, da escola, do bairro, da cidade e ou região com que estamos lecionando. Nossa memória é moldada e modelada pelas emoções, pelos contextos, pelos níveis de consciência e pelo estado de humor.

De nada serve uma grande quantidade de conteúdos sem sentido, pois sabemos que as sinapses se fortalecem na medida em que a informação para aquela rede neural seja significativa. As alterações sinápticas, e a nova formação na rede, também causam alterações morfológicas no próprio cérebro (METRING, 2011, p.99).

Em outras palavras, o psicopedagogo Metring<sup>8</sup> (2011) fala que as informações, fazendo sentido à nossa subjetividade, moldam, por conta do fortalecimento de sinapses neurais novas formas na nossa mente. Incluir música de forma lúdica, utilizando canções que façam sentido para aquela turma específica, reforçam e criam novas “teias<sup>9</sup>”, atalhos no interior de nossa mente.

Viviane Cristina da Rocha e Paulo Sérgio Boggio (2013), em seu artigo “A música por uma óptica neurocientífica” apresentam um panorama das publicações em periódicos internacionais relacionados à Música e a neurociência. De acordo com Rocha e Boggio (2013), tanto para quem ouve, ou para quem executa uma Música, ocorrem interações auditivo-motoras no cérebro. O cérebro ao receber o estímulo musical, possui a capacidade de prever as batidas subsequentes de um ritmo. É o que acontece quando ouve-se uma canção e sem perceber tem-

---

<sup>7</sup> DAMÁSIO, António Rosa Damásio foi o escritor do livro “O erro de Descartes” que veio modificar a ideia de que razão e emoção andariam juntas. Ele faz a separação entre o sistema límbico do neocórtex.

<sup>8</sup> METRING, Roberte Araujo Metring é psicólogo, psicoterapeuta e psicopedagogo, ministrou mais de 250 cursos de pós-graduação e autor do livro “Neuropsicologia e Aprendizagem: fundamentos necessários para planejamento de ensino”.

<sup>9</sup> Teias, no sentido de novas ligações.

se o pé batendo no ritmo, como que acompanhando aquela música. Isto acontece tanto para músicos como para apenas ouvintes de música. Em termos práticos, quando ouve-se música, no mesmo instante ativa-se o córtice auditivo e o motor. Tanto músicos como não músicos são beneficiados com novas ativações cerebrais. A música tem esta potencialidade. Desse modo, entende-se que utilizando a Música no Ensino de História, pode-se estimular o sistema límbico, favorecendo conexão com o córtex auditivo levando as informações para nossos alunos com mais facilidade, além é claro de tornar as aulas mais agradáveis.

Nas músicas, as variações da duração e altura dos sons, são maiores do que nas variações da fala. Sendo muito mais envolvente para o aluno cantar uma frase ao invés de falar. A linguagem e a música são processadas em lados opostos do cérebro. A música, principalmente melodias, são processadas no hemisfério direito. Já a linguagem é processada no lado esquerdo.

O uso de música como recurso mnemônico traz dúvidas a respeito da natureza da memória para a música. Ainda não se sabe, por exemplo, se a memória para música pode ter as mesmas características que a memória para outros tipos de eventos. Além disso não se sabe por que razão a música facilita a aquisição de memória (BOGGIO, 2013, p.137).

Rocha e Boggio (2013) afirmam que a música evoca emoções nos ouvintes. A partir das reflexões produzidas por eles, compreende-se que o que fica de mais importante é que ao favorecer o estímulo de outras áreas cerebrais, potencializa-se a capacidade de aprendizado de nossos alunos.

A partir dos debates contemporâneos sobre o Ensino de História o professor que valoriza apenas a memorização de datas, nomes e períodos está fadado ao insucesso. Os professores não são computadores, são humanos, jamais conseguirão colocar a História na palma da mão. Então, poderia haver o questionamento de que a Música estaria facilitando a “decoreba”? Nesse caso compreende-se que depende da forma como o professor prepara a aula, assim como já disse anteriormente. A aula precisa ser conduzida conscientemente pelo docente para que o entendimento da História deixe de ser algo que no passado não passava de uma decora de datas, eventos e heróis. A Música em si não fará sua função se a condução da aula não levar em conta a formação de sujeitos históricos conscientes de seu tempo.

Não se trata de fazer alunos decorarem uma música (paródia) para ter um determinado conteúdo, ou uma síntese do que o aluno deverá responder em uma prova. O teórico Leontiev (1978 apud SOARES, 2017) defende que uma atividade didática e as “ferramentas” utilizadas devem ter uma relação próxima com o objeto de estudo da atividade. Ler e decorar uma música não vai ajudar o aluno, na relação com o objeto de estudo. Ter clareza e consciência sobre o

que se vai ensinar precisa estar próximo do por que e como ensinar. A ideia é fazer o aluno pensar. Instigá-lo a pesquisar sobre aquela música específica, buscar significado para conceitos utilizados em uma paródia, ou ainda simplesmente fazer o aluno ouvir.

Segundo Izquierdo (1989), O cérebro nunca descansa e também nunca cessa de se desenvolver. Entende-se que a forma com que as pessoas aprendem precisa ser analisada. Quando na prática como educador musical, percebeu-se no decorrer do tempo, que a forma com que os alunos aprendem não são as mesmas. Observou-se de forma empírica, que para determinados alunos é preciso mostrar, outros precisam ouvir, outros precisam ver e ouvir, alguns possuem facilidade em determinadas situações e dificuldade em outras. Trazendo Izquierdo (1989) para o debate, lembrou-se das várias vezes que pessoas adultas que diziam, “já sou muito velho para aprender música”, ou “meus dedos não me ajudam”, ou ainda “eu não tenho talento”. Sabe-se de vários casos de pessoas com *Alzheimer*<sup>10</sup>, que quando diagnosticado de forma precoce, procuraram atividades que exijam do cérebro atividade mental. Por isso o autor definiu como “seu cérebro nunca para de expandir”.

Conhecer meios de como podemos potencializar o ensino abre novos caminhos. Trazer a neurociência para fins educacionais abre novas possibilidades no processo de educação. Ensinar História é um grande desafio, visto que a educação vem sofrendo diversos reveses, mas o reinventar precisa ser constante. A neurociência educacional é um caminho e a Música faz este caminho mais lúdico, mais envolvente para o Ensino de História.

### 1.3 O QUE PENSAM OS HISTORIADORES QUE PESQUISAM A RESPEITO DA MÚSICA NO ENSINO DE HISTÓRIA?

A Música aliada ao ensino de História teve como pioneiro Hobsbawm (1990), com a obra “História Social do Jazz”. No Brasil a primeira edição surgiu no ano de 1989, mas a primeira edição é de 1962. Essa obra abre caminho para que as músicas deixassem de ser abordadas apenas pela sua musicalidade e passasse a ser analisado pelo contexto ao qual as músicas estavam inseridas. Partindo disso, dessa nova abordagem, as músicas passaram a serem vistas com potencial para, por exemplo, serem objeto de estudo para historiadores e também para a sala de aula. Hobsbawm (1990), descreve a relação dos negros estadunidenses com os *instrumentos europeus*<sup>11</sup>. O autor descreve a facilidade com que fluíram os improvisos daqueles

---

<sup>10</sup> “*Alzheimer*”, doença progressiva que destrói a memória e outras funções mentais importantes.

<sup>11</sup> “*Instrumentos europeus*”, seriam os chamados instrumentos eruditos, termos que se refere à diferenciação dos chamados instrumentos populares.

músicos que viviam na pele a discriminação racial e o nascer de um estilo musical revolucionário.

Partindo deste impulso inicial, dado por Hobsbawm (1990), precisa-se aproveitar a aceitação da música pelos alunos, para em sala de aula proporcionar diferentes estratégias para o processo de ensino e aprendizagem. Bittencourt (2011, p.380) afirma que “Ouvir música é um prazer, um momento de diversão, de lazer, o qual ao entrar em sala de aula, se transforma em uma ação intelectual”. Ouvir música e pensar música possuem diferenças.

Por sua vez, Abud, Silva e Alves (2010), destacam a importância de o professor ter conhecimentos sobre música para possibilitar a problematização da escuta musical, elencando questões sobre a origem dos instrumentos, saber em que contexto que foi escrito tal música, pesquisar sobre o autor, período histórico envolvido, qual ideologia atende tal canção, enfim, em outras palavras é preciso uma familiaridade com análise musical. Desde a escuta musical, a análise das letras, a realização de uma paródia com tema específico todas as formas são bem vindas em sala de aula. É importante salientar que qualquer professor pode usar música em sala de aula independente de sua formação. Os autores referem-se às possibilidades que um certo conhecimento pode ser importante para ampliação das possíveis análises de uma Música.

A Música representa a relação com a pátria, com a religião, com as pessoas, com diferentes espaços de interação, segundo apontam Abud, Silva e Alves (2010). Em outras palavras, há uma relação direta da música em questão, da letra envolvida, do estilo musical, do público alvo deste mercado de consumo, na visão de mundo do seu autor. Pode-se ter uma percepção de local, tempo, espaço no qual aquela letra foi inserida. Para o trabalho em sala de aula, os autores propõem uma verificação contextual com abordagem do professor mostrando o contexto histórico, traçando um mapa dos circuitos socioculturais. Na visão de Abud, Silva e Alves (2010, p.76), “Independentemente das reflexões suscitadas por essas indagações, vale a pena ressaltar que a música, mais do que um recurso didático-pedagógico ou uma fonte documental, é arte e envolve o lúdico.” De forma muito simples podemos dizer, que há mais, do que simplesmente a análise de uma letra ou uma ferramenta didática, a música atua diretamente nos sentimentos. Ao mesmo tempo em que o aluno pensa estar fazendo uma simples aula descontraída, ele está aprendendo História.

A música é um recurso que tem forte presença na vida dos discentes, apresentam situações e uma linguagem acessível ao seu mundo e ao seu cotidiano. Sua utilização, em sala de aula, e em especial nas aulas de história, apresenta grande potencial. Mas, assim como toda metodologia de ensino, deve ser trabalhada corretamente, sob a luz de planejamentos e certas diretrizes (SOUZA, 2017, p.216).

Ramon Bezerra de Souza (2017), debate a questão da facilidade com que a música e sua linguagem acessível pode chegar aos alunos. Embora cada aula seja algo único, mesmo em diversas turmas de mesmo ano e mesma temática a ser abordada, cada aula vai criar um DNA próprio. Cada sala possui suas particularidades, grupo de alunos, horário da turma, me refiro se é um dos primeiros períodos do dia ou último período. O último horário de uma sexta feira, por exemplo, é desafio pra qualquer professor.

Quando Souza (2017) fala da metodologia a ser empregada e o cuidado no planejamento, devemos ter em mente as especificidades de cada turma, há temas que serão bem aceitos por uma turma e não por outra.

A música é de fácil acessibilidade a todas as camadas da sociedade, possibilitando que possamos ter diferentes visões de diversas interpretações de mundo através das canções. Ela se faz potencialmente eficaz na tarefa de mediação cultural entre professor, aluno e sociedade, podendo ser usada como um documento histórico e como uma ferramenta pedagógica, pois ela é produção cultural, carregada de significados em seus versos, tanto implícita como explicitamente (XAVIER, 2010 apud SOUZA, 2017, p. 1105).

Citando Xavier de Souza argumenta que pode-se pensar na música quando ela já está pronta, assim como muitas das músicas de Caetano Veloso e Chico Buarque do período da ditadura militar. Estes podem ser muito bem aproveitados em sala de aula, por ter na sua essência, o ar do período em questão. Refere-se a ter na própria música os instrumentos adequados, a "roupagem<sup>12</sup>", num sentido musical. Também se trata de uma série de tendências que assim como há para a moda existe uma forma da época, existe na música uma série de particularidades que vem a caracterizar aquele período.

Para Bittencourt (2011), as músicas que se sobressaem, entre as que tem mais potencial como objeto de pesquisa, são as músicas populares. A dicotomia entre erudito e popular surge por conta de tensões sociais. Se observarmos os sambas do período Vargas e a MPB da ditadura vemos que há uma riqueza de informações para se trabalhar em sala de aula. Elas contribuem para uma melhor compreensão da cultura, política, os anseios e lutas dentro de período histórico.

Nos anos 80 é que a música começa aparecer como recurso didático em resposta ao regime político ditatorial. Existiam músicas de caráter patriótico exaltando a "grandeza do país" e ao mesmo tempo em contraponto a isso tem-se uma riqueza de autores engajados na tropicália como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Tom Zé. Os Mutantes que vem principalmente

---

<sup>12</sup> Linguagem utilizada entre músicos para referir-se a uma nova maneira de gravar, trocar os instrumentos, inserir ou retirar algo do arranjo, enfim modificar a forma com que foi gravada ou apresentada inicialmente.

posicionando-se contra a repressão da Ditadura Civil Militar do Brasil. Ao mesmo tempo em que música é interessante para cativar nossos alunos precisamos transformar ela em objeto de investigação. Para Bittencourt (2011, p. 378) “Os estudos de Adorno definiam a música popular como parte de uma engrenagem da indústria cultural responsável por produzir sujeitos passivos diante da difusão de uma estética promovida para o crescimento do consumismo alienado.” De certa forma ele foi importante na problematização das produções musicais que atendiam somente demandas de mercado consumidor. Posteriormente essa concepção negativa começou a entender a questão cultural e artística das canções populares.

Há uma riqueza infinda no Brasil no que se refere à música popular. Marcos Napolitano diz:

Portanto, arrisco dizer que o Brasil, sem dúvida uma das grandes usinas sonoras do planeta, é um lugar privilegiado não apenas para ouvir música, mas para pensar música. Não só a música brasileira, no sentido estrito, mas a partir de uma mirada local, é possível pensar e repensar o mapa *mundi* da música ocidental, sobretudo este objeto-não-identificado chamado ‘música popular’ (NAPOLITANO, 2002, p. 5).

A diversidade cultural, as diversas etnias formam um resultado dialético entre a mistura desta diversidade cultural. O nativo, o afro, o europeu e influência árabe e oriental geraram um resultado plural e único, obviamente que todo resultado da fusão cultural é exclusivo e único.

É comum a afirmação de que o ensino e a aprendizagem de História acontecem por intermédio do domínio de conceitos, de modo que não basta, evidentemente, o aluno saber nomes de pessoas famosas ou fatos ocorridos em determinado tempo e espaço que podem ser comprovados pelos documentos (BITTENCOURT, 2008, p. 183).

A questão que Circe Bittencourt (2005) levanta, é de suma importância para exercer-se a docência. Se pensar-se nos conceitos, sabe-se que eles são fundamentais na estruturação de um texto. Também sabe-se que os conceitos formam historiadores e não datas e nomes de personalidades. O que mais vem a dialogar neste sentido com a proposta do presente trabalho de conclusão de curso, vem a ser de que forma lidar com os conceitos pensando em música.

Para Circe Bittencourt (2011), métodos tradicionais não devem ser abolidos. Os chamados “métodos inovadores” devem agregar, não se trata de troca ou substituição metodológica.

Ao referir-se ao ‘método tradicional’, professores e alunos geralmente o associam ao uso de determinado material pedagógico ou a aulas expositivas. Existe uma ligação entre o método tradicional e o uso de lousa, giz e livro didático: o aluno, em decorrência da utilização desse material, recebe de maneira passiva uma carga de informações que, por sua vez, passam a ser repetidas mecanicamente de forma oral

ou por escrito com base naquilo que foi copiado no caderno ou respondido nos exercícios propostos pelos livros. Bittencourt (2011, p.226)

A lousa, o giz e o livro didático são ferramentas de grande valia. Ao agregar música ao método tradicional, quebram-se velhas práticas da cópia, do procurar frases prontas dentro de um texto. A prática de estágio foi onde procurou-se instigar os alunos a pensar, fazer apontamentos, desenvolver a capacidade de síntese. Os materiais descritos por Bittencourt (2011) como “tradicionais”, são indispensáveis, visto que passou-se por problemas estruturais nas escolas públicas e todo recurso deve ser aproveitado ao máximo com criatividade e responsabilidade. As músicas utilizadas para as regências, tanto do Ensino Fundamental como no Ensino Médio, eram o centro da atividade, mas a reflexão, problematização e debate sobre o assunto nos remetiam a lousa e o giz.

Os desafios são inúmeros na atual realidade do ensino no Brasil. Propor formas diversas de atuação em sala de aula aliada a formas inovadoras, criativas parecem difíceis se pensarmos na escassez de recursos que as escolas enfrentam. Pensa-se que a docência precisa de continuidade no que diz respeito a formação intelectual do professor. Quando a titulação mínima para ser professor for dada como algo satisfatório para determinado educador, vê-se que a chance de ter-se alguém atualizado com novas maneiras de abordagem diminui. Uma constante formação deixa o professor mais próximo de novos saberes e novos métodos de ensino, como que dando sempre um novo fôlego. É necessidade que o professor seja um pesquisador, um intelectual, alguém que permanentemente esteja em formação e atualizado com as diversas propostas relacionadas com a educação.

Para Adalberto Paranhos, professor do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, um dos problemas na questão Música nas aulas de História repousa sobre uma possível falta de cuidado ou até mesmo achar que seja algo fácil de ser executado. Precauções são necessárias quando for inserir tal ferramenta. Na compreensão de Paranhos (2017).

Logo se vê que, entre preocupações metodológicas de que deve se munir o pesquisador de música popular ou o professor em sala de aula, uma delas recomenda que não se reduza uma canção a um simples documento escrito destituído de sonoridade (PARANHOS, 2017, p.13)

Na citação acima, Paranhos (2017) descreve uma série de preocupações “técnicas”. Elas seriam nas questões que envolvam a forma de gravação, quais instrumentos estão inseridos, se a letra condiz com a roupagem da gravação e assim por diante. No mesmo artigo Paranhos analisa alguns sambas que foram gravados durante o período do Estado Novo. Entre eles “Já

*que está deixa ficar* (de 1941), de Assis Valente”. Ainda; “*Quem gostar de mim* (de 1940), de Dunga e Ciro Monteiro. Também analisou “*Pretinho*”, de Custódio Mesquita e Evaldo Ruy (de 1944). Para Paranhos, os desencontros encontrados nessas canções surgem na medida em que as letras das canções não estão de acordo com os ideários trabalhistas. Quer dizer, as letras não conferem com as novas ideias de proletariado, de quem iria bater o ponto, acordar cedo. As letras falam de “boemia”, “passar a noite no sereno”, “eu não paro em casa”. Paranhos analisa detalhes desses vários sambas do período. A problematização que se quer colocar é que muitas das vezes, não basta pegar uma canção de um determinado período e acreditar de forma superficial que a música basta por si própria. Se pegarmos um desses sambas citados, poderíamos criar um aprofundamento na análise crítica dos alunos. Uma das questões a ser abordadas poderia ser: tracem as concordâncias e divergências na canção, e sua relação com a nova proposta social que o Estado Novo estava propondo.

Se as músicas não forem analisadas com a devida cautela, pode parecer que ela esteja fora de contexto. Pode parecer confuso para os alunos. Acredita-se que: contextualizar a canção, analisar a roupagem musical, entender as influências sociais e culturais imbricadas na música, poderão dar ao professor uma ampla possibilidade de abordagem para sua aula.

Paranhos (2017, p. 24), diz ainda que: “é necessário escapar às linearidades confortadoras”. Toda aula bem preparada requer trabalho árduo. De modo algum podemos levar uma música para sala de aula, sem observar atentamente o que se está levando, por que está levando e para quem está levando aquela determinada música. As “linearidades confortadoras”, nos remetem às situações onde simplifica-se, ou o professor segue sempre uma mesma linha didática.

Relacionar o que Paranhos (2017) nos diz em relação aos cuidados do que se levar para sala de aula, pode ser exemplificado quando pensarmos em utilizar Chico Buarque e alguma de suas canções. Ao lembrarmos da música “*A Banda*”- “*Estava à toa na vida o meu amor me chamou [...]*”, fica a impressão de ser uma música alegórica. É preciso entender que na ditadura os compositores precisavam driblar a censura. Quer dizer que para compor música em uma época conturbada, era necessário escrever algo que os censores não pudessem compreender. Vejam que pensando em sala de aula, precisamos romper “Linearidades confortadoras” quando pensarmos em trabalhar em sala de aula músicas de Chico Buarque e Caetano Veloso por exemplo. São letras com um alto grau de complexidade para serem analisadas. Se não procurar-se entender o contexto do que significa “Janela”, na canção já mencionada “*A Banda*”, ou mesmo pra quem e para que a banda tocava? Se pensar em “*Alegria, alegria*” do Caetano tem-se novamente um material completo de análises para uma aula de História com Música.

Pensar Música nas aulas de História, saindo do linear confortador, é para Paranhos (2017), e compartilha-se do mesmo pensamento, algo que faz dos educadores responsáveis com os alunos e sua formação. Se pensar-se na questão livro didático, fica no ar uma ideia de comodismo. Mas, se ele for ferramenta como complemento, ele se torna algo importante. Da mesma forma a Música pode ser usada da forma incorreta, apenas como algo pra acomodar o professor. A criatividade e a apropriação dos diversos caminhos que já foram e estão sendo traçados se tornam aliados importantes neste caso. É uma pergunta que deve ser pertinente quando se propõe maneiras de ensino. Seria minha aula algo linear e confortador?

Considerando as ideias centrais dos principais pesquisadores que se debruçaram sobre estudos relacionados com Música e Ensino de História, temos diversas possibilidades e alertas sobre este tema. Em comum, todos que foram citados, acreditam na música como uma ferramenta pedagógica. O interessante é ver que cada um deles propõem abordagens distintas, mas que conversam entre si quando pensamos no ensinar História e relacionamos ao auxílio da Música como ferramenta pedagógica.

Olavo Pereira Soares, em síntese, fala dos cuidados entre a música ser um “passa tempo” e ela realmente ser algo que saia da ideia de uma decoreba de datas e personagens. Ana Claudia Moreira fala da transformação dos conceitos espontâneos que a música traz junto de si, para que se tornem conceitos científicos. Graciane Petersen e Vânia Oliveira de Freitas falam dos contextos históricos imbricados nas músicas e que podem ser de grande valia para utilizarmos nas aulas. Circe Bittencourt fala de momentos de prazer que podem ser utilizados em uma ação intelectual. Kátia Abud, André Silva e Ronaldo Alves, falam das músicas pelas possibilidades de relacionarem-se o tempo todo com pátria, religião, sociedade, cotidiano e comportamentos. Ramon Souza defende que um bom planejamento e certas diretrizes, devem ser levadas em conta antes de levar música para sala de aula. Ainda para Souza, a música, por ser uma produção cultural, possui grande carga de significados que podem ser bem explorados em sala de aula. Para Adalberto Paranhos, não se pode separar a letra da música. Paranhos diz que a melodia e a roupagem envolvida na canção é também objeto de pesquisa e traz em si elementos para serem estudados.

A maioria dos historiadores e pesquisadores deste tema, referem-se à música como fonte de estudo pensando principalmente nas letras das músicas do Estado Novo e período da ditatorial do ano 1964. Tratando-se de autores aqui pesquisados, há uma verdadeira admiração por músicas e músicos deste período. Todos eles problematizam e dão ênfase para os cuidados que devem ser tomados para uma boa utilização da música em sala de aula. Evidentemente que o presente trabalho fica aberto para que posteriormente possa avançar nas pesquisas. Então há

um misto entre vários elementos dando direção para o presente trabalho, que foi analisar as pesquisas já elaboradas, aproximar questões da neurociência educacional, com minha experiência como educador musical e meus quatro estágios. Nos estágios pode-se colocar em prática o que se aprendeu na licenciatura. A seguir, serão apresentadas as práticas pedagógicas em que articulou-se música e ensino de história nos estágios curriculares supervisionados.

## **CAPÍTULO 2**

### **ESTÁGIO CURRICULAR I E II: MÚSICA E ENSINO DE HISTÓRIA**

Nos Estágios Curriculares Supervisionados I e II de observação e regência em sala de aula experimenta-se na prática como é realmente o Ensino de História. Observação e Regência dos Estágios se auto completam quando entendemos sala de aula como um laboratório aberto para que ali possamos pesquisar, ensinar e propor nossa visão referente à educação. É desafiador levar música para sala de aula e requer muito preparo e planejamento. Na sala de aula é que tudo acontece e colhemos resultados na prática. Embora os estágios sejam experiências de uma dinâmica particular, este curto período de envolvimento com sala de aula, nos possibilita diversos diagnósticos para nossa atuação e preparação de metodologias.

#### **2.1 A EXPERIÊNCIA DOCENTE DO USO DA MÚSICA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

As experiências que os estágios proporcionaram ao presente trabalho são fundamentais para sua realização do mesmo. A construção do projeto a ser executado dentro da sala de aula foi construído na perspectiva da inserção da Música nas aulas de História. As estratégias desenvolvidas foram pensadas a longo prazo. Quero dizer que desde o primeiro seminário apresentado lá no primeiro semestre da graduação, quando trabalhei o tema, apresentação com música, já estava sendo traçado ali a perspectiva das aulas de estágio e futuramente como professor de História utilizando a Música como ferramenta pedagógica.

De acordo com o PPC Na cidade de Erechim RS, situa-se a escola Santo Agostinho, tem em seu Projeto Político Pedagógico dois importantes diferenciais: a escola trabalha com educação de surdos, tanto com libras como na escrita da língua portuguesa, também possui turmas de Educação para Jovens e Adultos com idade avançada (EJA). Em 1957 chegaram em Erechim vindo de São Paulo as religiosas da Congregação das Irmãs Cônegas de Santo Agostinho. Em março de 1958 foi fundada à escola Instituto Nossa Senhora do Bela Vista sendo administrada pelas irmãs. Em 1962 a escola transferiu-se para o terreno da URI. De 1972 a 1976 a escola foi administrada pelos professores, irregularmente. No ano de 1976 a Escola foi transferida para o terreno da Escola Estadual de primeiro e segundo grau Haidée Tedesco Reali, sendo seu local definitivo. 1991 passa a ser chamada de Escola Santo Agostinho, oferecendo os seguintes cursos: Classe Especial para Deficientes de Áudio Comunicação, Educação Infantil, Ensino Fundamental de primeiro a nono ano e EJA. A partir de 21 de dezembro do ano

de 2000, de acordo com a determinação da LDB a Escola passa a se chamar Escola Estadual de Ensino Fundamental Santo Agostinho. A escola tem como filosofia “Educar na diversidade, respeito a identidade de cada um, promovendo o desenvolvimento humano”. Ela tem como missão “Oportunizar o desenvolvimento das competências e habilidades, respeitando e promovendo a socialização entre todos”.

A escola é composta na sua grande maioria por alunos de bairros e filhos de operários, são 9 salas de aula, sanitários, cozinha, biblioteca, sala de vídeo, sala digital com 25 computadores com ar condicionado, computadores estes doados pelo governo federal, ginásio construído pela comunidade educativa.

A escola tem como objetivo de o ensino fundamental incentivar a pesquisa autônoma e a participação social. Para educação especial de alunos surdos o objetivo é assegurar-los com uma educação plena, com ensino de LIBRAS, ampliando o conhecimento de mundo e de convívio com seus pares. Para EJA o objetivo é a inclusão social de jovens e adultos que não tiveram educação na idade própria construindo a eles cidadania. Para primeiro segundo e terceiros anos o objetivo é compreender o sistema de escrita alfabética, raciocínio lógico, participar de atividades culturais, atuando como um ser crítico e reflexivo. No quarto ano o objetivo é interagir com o grupo social e atuar criticamente como um ser no mudo. No quinto ano o aluno passa a construir conceitos nas diversas áreas do conhecimento. Do sexto ao nono ano o conhecimento das ciências da natureza, ciências humanas, linguagem, matemática e ensino religioso. Possui a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar (CIPAVE), possui conselho escolar e Equipe Diretiva constituída. O Diretor é eleito e tem atribuições definidas na legislação vigente, representa a escola, coordena a escola e o PPE. A vice direção é coparticipante da direção e substituta legal. O professor executa a docência, decreto nº 51.766 de 28 de agosto de 2014. A escola possui tradutor e interprete de língua de sinais. A escola possui um calendário escolar de 200 dias e 800 horas de acordo com a legislação vigente. O processo de avaliação é contínuo e cumulativo. Para alunos que não atingem a nota mínima é proporcionado ao estudante um a atividade extra. Serão aprovados os alunos que tiverem média igual ou superior a sessenta. A escola é equipada com um bom material didático.

## 2.2 RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DAS AULAS

As aulas no professor supervisor, possuem uma dinâmica própria, ele possui, ao mesmo tempo uma relação de amizade com os alunos, e, também uma postura que traz um respeito tanto na relação aluno professor como professor aluno. Desde o início, a dinâmica

empregada pelo professor regente é pautada pelo diálogo com os alunos, respeito para com as diferentes realidades de vida de cada aluno. O uso do livro didático “Sociedade e Cidadania 9º ano” de Boulos Júnior (2015), juntamente com a sala de vídeo é utilizada com frequência. Outro detalhe importante, na sala de aula há um mapa *mundi*, onde com muita frequência o professor recorre a ele para facilitar a orientação ou localização do que está sendo desenvolvido em sala de aula.

Se for pensado em tendência pedagógica, acredito que possa ser uma Progressista Libertadora, Lembra Paulo Freire quando pela consciência crítica dos conteúdos e fatos da atualidade foram, a meu ver, salientados. De acordo com o PPP da escola há uma proximidade do plano escolar com o a tendência pedagógica ao qual o professor trabalha em sala de aula. O respeito às diferenças, e também a forma inclusiva com o qual o professor regente trabalha.

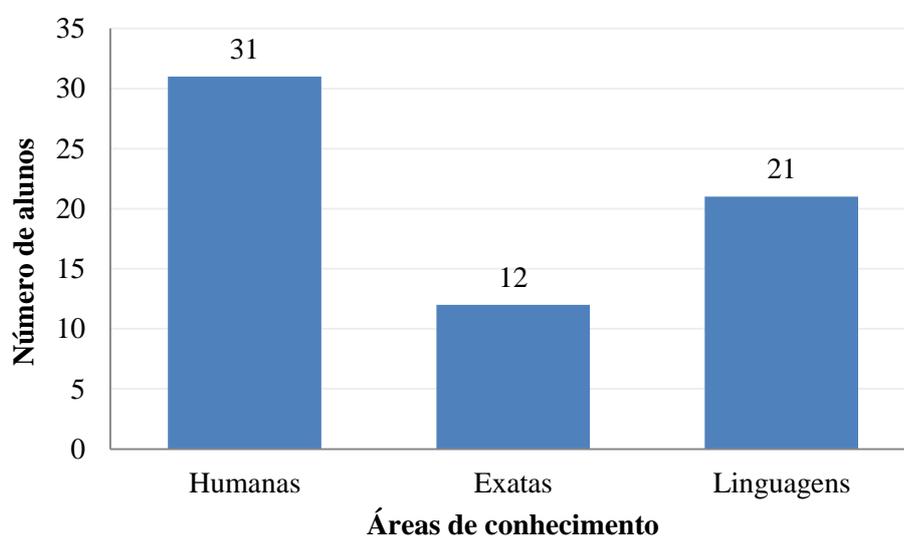
A grande surpresa com que nos deparamos foi ver que em nem um momento das aulas acompanhadas os celulares tenham causado problema. Confesso que só quando terminado estágio, na hora de relatar a observação é que chama atenção. Não tinha caixinha (aquela que todos deixam no início e pegam no final da aula) e nem uma observação sobre este que para muitas escolas é um problema muito frequente. Quando iniciado o estágio, já era mês de outubro, as turmas já tinham uma caminhada, mas fica evidente o “domínio” de sala de aula que tem o professor regente. Coloquei a palavra domínio entre aspas pra chamar atenção de que não se trata de imposição por meio de pressão, mas algo fluido e natural.

Este Estágio I, de observação foi determinante para minhas escolhas referente a como trabalharia meus estágios e também minha futura decisão referente ao TCC. Antes do estágio ouvia colegas e professores se queixando de alunos, turmas, professores e escola. Conheci uma escola organizada, alunos conscientes de seu papel na escola e sociedade, e um professor muito competente.

Existem realidades diversas dentro de uma escola. Quero me referir a questão sala de aula, ambiente escolar, relação alunos professores, professores alunos, família escola, escola e sociedade. Muito do que se aprende na graduação, vemos que na prática é necessário que uma primeira observação seja feita antes de qualquer atitude. A realidade de uma escola de bairro é diferente de uma escola do centro. Só o fato, centro e bairro já é motivo para revermos muitas situações. Há momentos que a interação com os alunos deve tomar certos cuidados e outros momentos e lugares é mais tranquilo. Todas estas diferenças que coloco foram observadas e auxiliam no meu crescimento acadêmico.

Ao aplicação três perguntas simples subsidiaram reflexões que contribuiriam para o desenvolvimento dos estágios seguinte e no presente Trabalho de Conclusão de Curso<sup>13</sup> Perguntei aos alunos por meio de um pequeno questionário, onde com a devida permissão do professor regente daquela turma, perguntei qual área do conhecimento mais lhe agrada (Humanas, exatas e linguagens)? Nas 64 respostas entre as turmas do estágio, 31 responderam preferência por humanas, 12 por exatas e 21 por linguagens. É claro e óbvio que o resultado das respostas teria um certo condicionamento aos alunos, pois estávamos em uma aula de história e que o professor regente da turma era muito querido e aceito pela grande maioria dos alunos. Vamos a um gráfico referente a esta primeira pergunta:

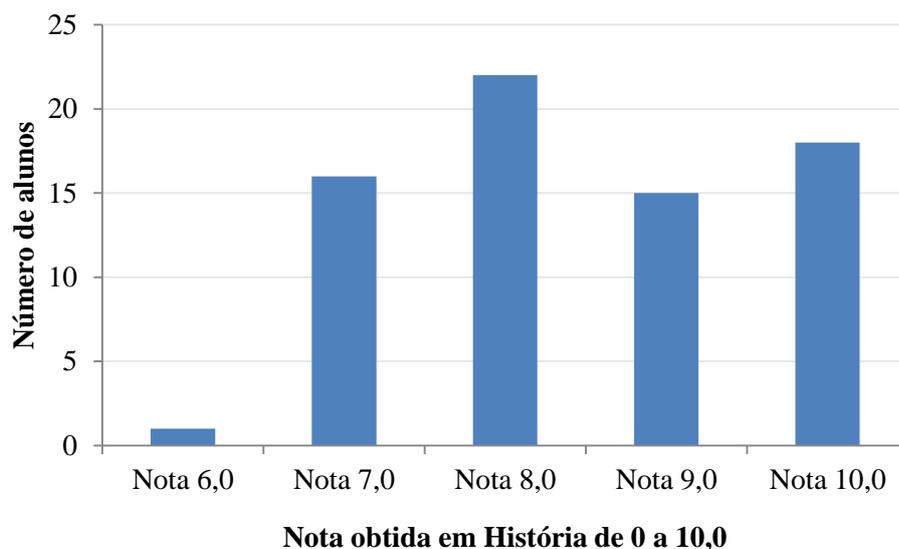
**Gráfico 1:** Preferência dos alunos quanto a áreas do conhecimento



Fonte: Sistematização dos dados obtidos pela pesquisa realizada por meio de aplicação do questionário com alunos do 8º ano nos dias 18 e 19 de outubro de 2018.

De acordo com os dados obtidos no questionário, constatei que a matéria escolar da preferência dos alunos foi história em primeiro, educação física em segundo e matemática em terceiro. Nas avaliações por preferência da matéria específica de história ela teve dezoito notas 10 (dez), quinze notas 9 (nove) e a maioria, vinte e dois alunos deram nota 8 (oito) para matéria. O restante ficou com nota sete (7) e uma nota 6 (seis). A pergunta era para que fosse atribuída uma nota de 5 (cinco) à 10 (dez), referente às aulas de História.

<sup>13</sup> O Trabalho de Conclusão de Curso, na aplicação deste primeiro questionário, ainda não possuía clareza com relação ao trabalho ser realizado com a ferramenta pedagógica Música.

**Gráfico 02: Avaliação dos alunos para aulas de História**

Fonte: Sistematização dos dados obtidos pela pesquisa realizada por meio de aplicação do questionário com alunos do 8º ano nos dias 18 e 19 de outubro de 2018.

No caso deste último gráfico, teríamos uma realidade mais precisa da preferência dos alunos, ou como eles avaliam as aulas de História.

As perguntas que eu direcionei neste meu primeiro estágio eram voltadas para que eu pudesse saber onde estava pisando. E o resultado foi que partindo da percepção de como os alunos respondiam aos questionários, não só as respostas, mas também suas reações em sala de aula pude pensar nas próximas ações. Como seriam as aulas, depois das minhas primeiras constatações? Bem, eu ainda não sabia exatamente. Eu, na época, tinha um esboço, algumas ideias a serem postas em prática. Naquele primeiro momento eu apoiava-me muito mais quem sabe na minha prática como instrutor musical do que como professor de História. Haveriam mais três semestres pela frente e aquele Estágio I, foi determinante para a sequência dos estágios e para a produção de uma pesquisa mais apurada que pudesse tornar-se um trabalho de conclusão de curso.

Aquelas perguntas básicas feitas aos alunos, inicialmente pareciam sem muitas pretensões. As reações dos alunos, a forma com que eles receberiam as perguntas, como responderiam, como entregariam as folhas, era este o termômetro que mais me interessava naquele momento. Para eu construir um projeto de longa duração para sala de aula, foi preciso fazer um mapeamento inicial. Depois desta mostra, e elaborando o Estágio II, de regência em turmas de ensino fundamental é que foi direcionada a intenção de conjugar o estágio junto ao TCC. Como, e de forma antecipada, já havia recebido um aval do professor regente para que no estágio de regência eu pudesse contar com uma de suas turmas, aquelas perguntas foram

como que uma preparação para aqueles alunos. As turmas de oitavo ano seriam possivelmente, em sua maioria, alunos que no estágio seguinte estariam no nono ano.

### 2.3 MÚSICA NA REGÊNCIA DO ESTÁGIO II: MÚSICA, UMA FORMA ENVOLVENTE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

As aulas foram realizadas nas segundas e quartas feiras dos dias 20/05 ao dia 27/06. Nas segundas feiras eram dois períodos, o segundo e terceiro do turno da manhã e nas quintas feiras era um período, respectivamente o quarto, logo após o recreio. Dos dias 02 ao 08 de julho ocorrem algumas alterações de horário por conta de alguns professores estarem entrando com suas aposentadorias. O dia 02 fica no último período da terça feira, no dia 03 são os dois últimos períodos e novamente uma alteração ocorre na última aula, o dia 08 passa para a segunda feira a primeira de duas aulas fica no segundo período e a segunda aula do mesmo dia fica no quinto período.

As aulas ministradas no estágio de regência na turma de 9º ano A, tiveram como conteúdo “A Primeira República”. As aulas foram desenvolvidas com uma metodologia voltada para experimentação de aula da disciplina História utilizando-se da ferramenta música. Como frisei anteriormente, na aplicação deste Estágio II eu já trabalhava com a perspectiva da produção conjugada do estágio com o TCC. Especificamente nestas aulas, foram criadas dez paródias, uma para cada sub tema, dentro do abrangente conteúdo da Primeira República, ou também chamada, mais tarde, de República velha.

As aulas foram ministradas com a administração do tempo, onde muitas vezes começávamos com a própria música, e em outros momentos com uma contextualização. Cada aluno tinha como dever anotar em um fichamento as impressões de cada aula. A paródia resumo era um aporte, pois nela continha o resumo síntese do que eu entendo ser mais importante para aquela aula específica. As frases na música, muitas vezes contém a explicação em si mesma, outras vezes soa com, por exemplo: “Movimento messiânico de vinte mil homens, para o fim do mundo estavam preparados” (Paródia número 06, Revolta de Canudos), neste caso se não for devidamente explicado o “messiânico”, o porquê, ou o que eram, quem eram esses “vinte mil homens”, e até mesmo o que significava para eles o fim do mundo e sua preparação para tal evento, tais situações podem não fazer sentido para o aluno.

A aplicação do Estágio II foi desafiadora, na medida em que para todas aulas eu elaborava uma música para o tema específico. Trabalhei com paródias de músicas com as quais fiz um levantamento inicial com os alunos sobre suas preferências musicais. Entendia eu, que

era preciso criar empatia com os alunos. Como eram alunos vindos do oitavo ano, com os quais eu já conhecia por ter feito o estágio de observação do Estágio I, foi fácil de criar uma atmosfera propícia para eu implementar minha metodologia. Naquele momento eu procurei estudar o conteúdo das aulas, elaborar a música e aprofundar minha pesquisa pessoais a respeito do assunto. A docência faz com que estejamos sempre a nos perguntar mais sobre os temas. Preparamo-nos para possíveis questionamentos referentes ao assunto.

Procurei mesclar um pouco entre levar para sala de aula o violão, o piano digital e o ukulele. Percebia uma certa curiosidade dos alunos quando eu trocava o instrumento. É natural esta reação de curiosidade e eu fazia aquilo com propósitos claros, definidos. Penso ser fundamental ter uma proximidade com os alunos, cativá-los, para depois sim pensar o ensino. Dar aulas sobrepostas de conteúdos e tarefas dificultam a relação aluno/professor.

Em específico e direcionado a aula em si, procurei desenrolar a aula partindo da música ao qual estava levando. Quase que a cada aula havia uma nova música, exceto quando marcávamos uma revisão. Nas duas revisões feitas do Estágio II, recapitulei músicas para melhorar nossa revisão. Após a execução da música centrávamos na discussão sobre a letra da música. É importante sempre entender música na questão da sua simetria. As músicas possuem contrações e deslocamentos tônicos para estética musical. Então se fez necessário dedicarmos tempo para as discussões referentes às letras das músicas paródia.

O estágio de regência do ensino fundamental colocou alguns desafios ao qual me proponho a observar a partir da experiência ao qual fui submetido. Minha proposta foi de não utilização do livro didático, isso me desafiou a pesquisar diversas outras fontes para elaboração das aulas. Ao mesmo tempo, e com a devida correção no decorrer das aulas, percebi a necessidade do visual, da projeção de imagens. Tal elemento sempre é contemplado nos livros didáticos. Os alunos mostraram-se muito interessados nas músicas, foi uma ferramenta com a qual os alunos gostaram e segundo eles é um diferencial importante para o aprendizado da disciplina de História.

A experiência com a ferramenta música foi aprovada pelos alunos, daquele momento em diante assumi definitivamente minha postura como educador. As sinapses geradas com a introdução de um novo ou diferente método de ensino trazem uma melhor compreensão dos conteúdos. O acionamento de diversas áreas do nosso cérebro pode servir de saída para diversos casos de alunos com déficit de atenção. São inúmeros os casos de crianças com dificuldade para aprender que recorrem a aulas de Música. Executar um instrumento, cantar, ouvir música sempre nos torna mais confiantes.

Os objetivos foram alcançados, se pensarmos na aplicação do estágio, e novas estratégias foram incorporadas na didática. Nossos alunos, nativos digitais, são muito diferentes dos da época onde o celular e o computador eram “bicho de sete cabeças”. Atualmente nossas crianças e adolescentes assimilam muito rápido as informações. Chega ser espantoso, mas as estratégias da aula precisam ser modificadas com muita frequência. Minha programação de aula foi mantida, mas precisei adequar à minha proposta algumas posturas, como permanecer o tempo todo em pé, passar aos alunos as atividades do dia. Quero dizer que quando eles assimilam sua forma de dar aula, imediatamente criam atalhos, não para burlar, mas para facilitar suas anotações. Muitos querem saber se tem prova, se tem trabalho, se vale nota.

Eu instigava os alunos a utilizarem as músicas das aulas para eles as ouvissem. Poderia ser no celular, enquanto se deslocava para escola. Pode ser fazendo uma tarefa doméstica. A praticidade que a música se apresenta e as formas como ela pode ser usada são diversas. Quando ouvimos uma música três vezes seguidas, nosso cérebro antecipa a frase seguinte. Fica prazeroso ensinar e muito bom de aprender. Os alunos se divertem aprendendo.

A História como disciplina tem um papel fundamental na formação de cidadãos críticos conscientes de seus papéis como agentes em uma sociedade conturbada. A música vem a ser um elemento facilitador no processo de ensino, proporcionando ao estudante uma forma prazerosa de aprender. Não se trata de desprezar outras, ou tradicionais formas de ensino, mas fazer diferente, trazer o lúdico para sala de aula, fazer o aluno cantar um refrão, participar do processo educativo.

A forma com que os alunos encararam o desafio foi, no início, de que eu estaria ali matando tempo, ou levando uma brincadeira para sala. Há de se levar em conta que a postura da turma muda quando lhe é apresentado um estagiário. Inicialmente existe um certo receio, como vai ser, vai ser bom, vai ser ruim? A percepção que fia é de que ser estagiário é diferente de ser o professor titular e também é diferente de ser um professor que assume uma turma no decorrer do ano.

Levaram três aulas para que a turma percebesse que os objetivos eram bem traçados, tanto é que ao final do estágio a grande maioria dos alunos começaram a anotar mais, perguntar mais. Os alunos levaram um tempo, acredito ser normal, para entender a proposta, mesmo eu já tendo no semestre anterior plantado uma semente, instigando-os com relação a Música nas aulas de História. Eles, os alunos, vem de uma caminhada junto ao seu professor, e quebrar a rotina da aula em que eles estavam acostumados é desafiador mesmo levando Música para sala de aula. Acredito ser mais complicado, e também por conhecer relatos de colegas que descreveram seus estágios como uma experiência difícil. Os alunos foram incentivados a

interpretar. Ou seja, parar com a ideia de achar respostas prontas no meio do texto. Parece ser algo do século passado, mas não é. Eles pediam para ditar, para copiar. Como meu planejamento era fazê-los pensar história, questionar história, preocupar-se com os conceitos, a música era uma ferramenta perfeita para quebrar antigas práticas da decoreba, do copiar, do ditar, entre outras.

Quando apresentada a música no início de cada aula, eu acionava os sensores emocionais dos alunos, provocava reações que só a música tem para oferecer. Em seguida, ao nos debruçarmos sobre aquela letra, aqueles conceitos, mergulhávamos na História. A proposta era que a medida em que discutíamos o tema, os alunos fizessem seus apontamentos. Foi complicado, pois ouvi diversas vezes a pergunta: - Poderia ditar para nós? – Ou ainda: - Escreve no quadro. Romper vícios é difícil e desafiador. A Música foi a melhor forma para aproximar-me dos alunos. Fora as barreiras que encontrei, referente ao rompimento de paradigmas, fiquei satisfeito por fazer com que os alunos pensassem, escrevessem o que entenderam. Quando estes alunos encontrarem outro professor que os incentive a pesquisa, a curiosidade, a pensar e tirar da interpretação de cada um de seus pareceres pessoais sobre um tema, logo não será mais novidade para aqueles alunos. Assim eles poderão deixar aquele modelo de aluno que enxergava a História como algo pronto e definido.

Concluindo o relato da experiência daquele 9º ano da Escola Santo Agostinho, acredito que aprendi mais do que ensinei. E se para cada aluno, a experiência foi a mesma, ou seja, eles aprenderam mais do que ensinaram, acredito ter, entre erros e acertos, avançado na caminhada do conhecimento e do meu aperfeiçoamento como futuro docente da área de História.

## CAPÍTULO 3

### MÚSICA NAS AULAS DE HISTÓRIA DO ENSINO MÉDIO

No segundo semestre de 2019 foi realizado o estágio de observação do Ensino Médio. Foram duas turmas de 3º ano onde pode-se observar e ainda intervir musicalmente quando houve a oportunidade pela professora regente.

No final do segundo semestre de 2020 realizou-se o estágio de regência com três turmas de 1º ano. As aulas foram remotas por conta da COVID-19, mas da mesma maneira conseguiu-se desenvolver a proposta musical dentro das aulas de História.

#### 3.1 ESTÁGIOS III E IV: UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE DO USO DE MÚSICA NO ENSINO MÉDIO

O Estágio III e IV, possuem particularidades que precisam ser descritas. O Estágio III foi realizado no final do ano de 2019 e o Estágio IV foi realizado no final de 2020. A particularidade de cada um foi que no final do ano de 2019, o parcelamento dos salários dos professores gerou uma paralização. Por tanto o tempo da realização do Estágio de Observação III foi mais longo que o previsto. Já para o ano de 2020, tivemos uma pandemia de COVID-19 que impossibilitou a realização do Estágio IV no primeiro semestre de 2020. Ele realizou-se no final do segundo semestre do mesmo ano, mais precisamente em fim de novembro e início de dezembro de 2020.

#### 3.2 APRESENTAÇÃO DA ESCOLA E OBSERVAÇÃO DO ENSINO MÉDIO

O estágio foi realizado no Colégio Estadual Haidée Tedesco Reali onde realizei o Estágio de observação de Ensino Médio. O Colégio situa-se na Praça Jaime Luiz Lago, s/nº - Centro CEP: 99.700-00. Foram realizadas no segundo, terceiro, quarto e quinto período das quartas feiras dos dias 11 de setembro ao dia 30 de outubro. Além da observação das aulas, que foram gentilmente sedias pela professora regente daquela turma, ocorreram as observações da escola. As observações da escola e análise do PPP foram realizadas à noite em dias alternados entre os dias 11 de novembro ao dia 27 de novembro.

A observação do estágio foi realizada nas turmas de 3º ano A e B. Foram trabalhados Revolução Russa, Segunda Guerra Mundial, e República Democrática do Brasil em ambas as

turmas. Na observação da escola, inicialmente tomamos o PPP da escola como objeto de estudo, observou-se a biblioteca e demais espaços físicos da escola.

As aulas da Professora regente foram expositivas, dialogadas, sala de vídeo, música, textos, apresentação de trabalhos refere ao projeto que a escola desenvolve “História e Cinema”, debates acerca do assunto da aula e também assuntos da atualidade e diversos debates relacionados com a aula.

Como sistemática, procurei assumir uma postura discreta, por ser um observador, mas em uma ocasião, sabendo que se tratava de uma música de Vinícius de Moraes, ofereci-me para executar a música. Como era uma proposta para uma futura aula e com possível adaptação e programação, fui autorizado a executar a canção de Vinícius pela professora supervisora. De forma alguma quis interferir ou usar o tempo da professora, a questão da interferência musical foi por conta da oportunidade que vi de ajudar em algo que me é familiar, a música ao qual defendo como método didático para aulas de história. Fui observador, anotei detalhes da aula, como ocorreram, quais materiais o professor utilizou e de que forma o professor interagiu com estes alunos. Como os alunos compreendiam as ordens do professor e qual era o tipo de afinidade, ou proximidade que o professor tinha com suas turmas.

Existe um detalhe referente às turmas de terceiros anos. Como são alunos que preparam-se, em sua maioria, para o vestibular, é difícil que essas turmas sejam disponibilizadas para estagiários de regência. Normalmente os professores preferem que a rotina da turma e o acompanhamento dela seja feito pelo próprio professor titular da turma. Eu compreendi e concordo plenamente com tal atitude. Neste caso, a minha ideia inicial de fazer como fiz nos Estágios I e II na Escola Santo Agostinho, aquela estratégia onde eu preparava os alunos que no estágio seguinte seriam meus alunos, não mais seria possível. Eu estava recebendo uma turma de terceiro ano para depois, possivelmente trabalhar com uma de primeiro ou segundo ano. Quero dizer que minha estratégia de Estágio I e II, não mais poderia ser aplicada no ensino médio. Dependemos da boa vontade dos professores e das direções das escolas, visto que há um grande número de estagiários que disputam por espaço. É uma busca por alguém que lhe ceda espaço. Não tive dificuldade para encontrar escola ou professor que aceitasse ceder sua turma, no entanto precisei me adequar às particularidades da escola que me aceitou.

Ao abortar a ideia de planejamento que realizei nos Estágios I e II, os desafios aumentam. Não que eu procurasse acomodação, mas fica claro que formulas prontas não funcionam. Cada realidade vai possuir suas características próprias. Nem uma aula é igual a outra, nem uma turma é igual a outra e muito menos as escolas são sequer parecidas. O que fica é realmente o desafio. Procurei agarrar-me a aquele momento onde executei a canção de

Vinícius de Moraes “Rosa de Hiroshima”. Procurei captar a reação daquele terceiro ano do ensino médio para com a receptividade dos alunos com a música realizada ao vivo. Como os alunos encarariam uma música de apelo forte ao sentimento da dor do que foi a “Bomba Atômica”. Minha percepção foi de que eu poderia, mesmo que fosse em um terceiro ano, executar músicas em sala de aula. A receptividade a aquela execução foi satisfatória, segundo o que presenciei. Como minha intenção era dar sequência ao próximo estágio na mesma escola, pois seria mais fácil receber um “ok” da escola, visto que eu já seria alguém conhecido pela direção e professores. Como estagiários sempre temos um pé atrás quando se trata de ser ou não bem recebido por uma escola. No Estágio I e II, realizei em uma escola de Ensino Fundamental, por isso precisei buscar para os Estágios III e IV, uma escola de Ensino Médio.

A professora supervisora sempre foi solícita e compreensiva quando procurei por ela para ocupar o espaço de observador de suas aulas de História. Fui muito bem recebido, me senti muito à vontade no Estágio III de observação.

Com relação a observação da escola, seu Projeto Político Pedagógico (PPP) possui uma ênfase na formação humana e profissional, visto que a escola tem sua origem no processo de industrialização do município ao qual está inserida a referida escola. O colégio tem por base a educação democrática e humanística respeitando a realidade ao qual o aluno está inserido e ao mesmo tempo dando possibilidades aos seus alunos desenvolver espírito crítico e participativo que os torne capaz de entender e intervir junto à sociedade. A escola oferece Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Para o Ensino Médio é destacado a consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos. Preparação básica para o trabalho. A formação ética e desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. A compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando teoria com a prática.

De acordo com a organização curricular da escola o regime adota um total de 800 horas em cada ano para o Ensino Fundamental. Para o Ensino Médio a duração de três anos com carga de 1000 horas para o diurno e 800 horas para o noturno com no mínimo 200 dias letivos. O Ensino Médio é trabalhado por áreas do conhecimento com temas transversais e interdisciplinares. A avaliação dos alunos é realizada trimestralmente com os resultados do desempenho qualitativo e quantitativo.

O Plano Político Pedagógico do Colégio Estadual Haidée Tedesco Reali foi validado pela 15ª Coordenadoria Regional de Educação, com Base nas Resoluções CEED nº 236/1998 e 288/2006 na data de 02 de fevereiro de 2017.

Retornando a questões específicas e direcionadas a minha observação da sala de aula, as aulas da professora supervisora possuem uma dinâmica própria, onde ao mesmo tempo tem uma relação de amizade com os alunos, e, também uma postura que traz um respeito tanto na relação aluno professor como professor aluno. Desde o início gostei da dinâmica empregada pela professora regente, muito diálogo com os alunos, respeito para com as diferentes realidades de vida de cada participante da aula. O uso do livro didático era para fins de complemento didático, pois eles ficam na biblioteca e são levados à sala de aula quando solicitado pela professora. Outro detalhe importante das salas de aula são seu espaço reduzido por conta de serem turmas pequenas de 12 alunos. A escola divide seus alunos em Ensino Técnico ou Fundamental proporcionando essa chance de o professor trabalhar com uma turma menor, o que a meu ver é um fator positivo, pois proporciona uma proximidade entre aluno professor. Sabemos de diversos problemas do ensino público onde salas superlotadas dificultam o aprendizado, não é o caso das turmas observadas.

A professora supervisora utiliza-se de diversas ferramentas didáticas. Uma em especial me chamou atenção. Foi o projeto “História e Cinema”, em que os alunos descrevem um filme relacionado com o tema da aula e já previamente escolhido entre professor e alunos. Cada um deles contava a história do filme problematizando o enredo geral. Era proposta a confecção de uma obra artística onde o aluno era livre para criar um quadro, desenho ou qualquer representação relacionada ao filme. Além do projeto de cinema a professora regente trabalhou textos, questionários, música, diálogos. A dinâmica de sala de aula demonstra a qualidade e excelência das aulas da professora supervisora.

A grande surpresa com que me deparei foi ver que em nem um momento das aulas que acompanhei eu tenha observado um celular de aluno. A mesma observação eu havia registrado no Estágio I. Quando sentamos para relatar a observação do estágio é que percebi, ao comparar com relatos dos meus colegas de formação e que realizam estágios em outras escolas. Aulas fluidas, com diversidade metodológica, proximidade aluno professor fazem parte das aulas que observei. Temas como: Revolução Russa, Segunda Guerra Mundial e República Democrática no Brasil foram desenvolvidos pela professora.

Conheci uma escola organizada, alunos conscientes de seu papel na escola e sociedade, e uma professora muito competente. Ao término da observação das aulas, faltando algumas horas de observação da escola tivemos um período de aulas concentradas por conta da paralização com que o Magistério Estadual reivindica melhores condições de trabalho, o fim do parcelamento de salários entre outras demandas da categoria.

### 3.3 COMO FOI TRABALHADA A MÚSICA NA REGÊNCIA DO ENSINO MÉDIO

Como já havia antecipado a prática docente para o ensino médio nas aulas do Estágio IV sofreram alterações por conta das aulas adotarem o formato de aulas remotas por causa da COVID-19. O momento foi e está sendo difícil. Em dezembro de 2020, as Escolas estaduais, ao qual tenho acompanhado mais de perto, não possuem estrutura física para fazer o que algumas escolas particulares fizeram e estão fazendo. Estamos na segunda onda da pandemia do Corona Vírus e está difícil para todos, alunos, professores e escolas públicas principalmente. O estágio ocorreu mesmo que à distância e ficaram vários aprendizados com a prática de regência de forma remota. Algumas das ponderações feitas anteriormente dependiam da aula presencial, nem cogitava-se outra forma de ensino. Sou defensor da aula presencial, mas o momento requer cautela. Como a Universidade Federal da Fronteira Sul, juntamente com a Coordenadoria de Educação nos autorizaram a realizar este estágio, mas de forma remota, assumi o desafio de encarar uma outra forma de ensinar. Os meus planejamentos de aulas continuaram da mesma forma, Ensino de História com Música como ferramenta didática, porém a aplicabilidade foi alterada. Ficaram alguns pontos positivos dessa experiência e outros pontos negativos.

A unidade cedente para o Estágio IV foi o Colégio Haidée Tedesco Reali, a mesma escola onde realizei o Estágio III, o de observação. Foi trabalhado com três turmas de 1º ano do Ensino Médio, respectivamente nas turmas 10A, 10D e 10E. A 10A era na segunda pela manhã com dois períodos e a 10D e 10E eram do noturno com um período para cada turma nas terças feiras.

A preparação das aulas, focando Ensino de História com Música como ferramenta didática, seguiu no mesmo modelo dos estágios anteriores. A diferença foi na aplicação do mesmo onde eu precisei adaptar a forma de como discutir e apresentar a música referente à aula específica. Como as aulas eram remotas, utilizamos do “Google Meet” para aplicação das aulas.

Minha proposta foi levar a música para abertura das aulas, executando a música ao mesmo tempo em que a letra da canção era apresentada aos alunos. Obriguei-me, durante a pandemia, a aprender sobre edição de vídeos. Como tinha a possibilidade de gravar a música tema da aula, inserir imagens e projetar a letra ao mesmo tempo que rodava a música, ficou um trabalho muito bem articulado. O trabalho é redobrado, porém aquela aula, aquele vídeo, aquela música, ficam gravados para que o aluno assista a hora que ele quiser. Se um aluno não puder ou faltar aquela aula ele pode assistir posteriormente quantas vezes quiser. Nas primeiras aulas, precisei me adaptar à realidade virtual das plataformas digitais. Assim que entendi o processo,

procurei desenvolver a aula com a dinâmica que defendo e que realizei no Estágio de Regência II. O elemento central, e que entendo ser o lado positivo, foi poder usar o power point, gravação de áudio e de vídeo editados mesclando música, texto e imagens a todo momento. Em uma situação normal as escolas públicas possuem somente um projetor, deixando o estagiário limitado. É preciso agendar com a escola e negociar com outros professores a utilização da sala de vídeo onde normalmente se encontra o projetor. Então neste caso particular, da plataforma digital google meet, pude utilizar tantas quantas vezes achei necessária a apresentação de slides, vídeos e músicas. Acredito ter dado uma dinâmica especial para aquelas aulas ministradas no Estágio IV. Fiquei surpreso por aqueles alunos ainda não terem tido aulas naquele formato.

O tema que eu que a professora supervisora disponibilizou para eu trabalhar foi “A queda do Império Romano”. As aulas pela rede estadual ocorrem de foram síncrona e assíncrona. Uma semana você trabalha com os alunos e na outra você disponibiliza trabalhos para eles desenvolverem no seu tempo. Como nas aulas da turma 10A eram dois períodos, pude aprofundar um pouco mais questões das “Invasões bárbaras” e fazer uma ponte com o final do império romano do ocidente com o Feudalismo. Nas turmas 10D e 10E, trabalhamos de forma mais objetiva questões da queda do império e dos principais imperadores. Assim faríamos o enlace entre os fatos, com seus respectivos imperadores. Como eram três turmas de 1º ano, a dinâmica das aulas diferenciou-se um pouco das do Estágio II. No segundo estágio eu trabalhei com apenas uma turma, fazendo com que as 15 aulas necessárias para conclusão tivessem uma dinâmica própria para aquela única turma.

Após a apresentação da música com a inserção das imagens, debruçávamos sobre a letra da canção, para debate acerca dos conceitos que eram apresentados. Houveram diversos relatos de alunos aprovando a dinâmica musical empregada nas aulas de História. A falta de contato com os alunos, não ser possível a observação de suas reações foi a parte mais difícil. O presente trabalho encaminha propostas para uma aula presencial, a pandemia de COVID-19 desafiou-nos a encaminhar as aulas em outro formato.

Não tem como comparar a diferença de uma aula presencial com uma aula remota. Tudo o que eu defendi durante o presente trabalho parece esvaír-se quando pensamos nas relações professor/aluno, professor/escola e escola/aluno.

Os alunos assumem uma postura de deixar a câmera desligada e raramente se manifestam. O professor muitas vezes não sabe se o aluno está presente. Muitas das vezes os alunos não respondem nem quando são chamados. Se colocarmos na balança o que anteriormente citei como positivo o fato de poder apresentar slides, vídeos, músicas sem depender do projetor ou aparelho qualquer da escola, a comparação de fatos positivos e

negativos os pontos negativos pesarão muito mais nesta balança. Não fomos preparados para aulas remotas, os alunos não estão acostumados, as escolas não possuem estrutura para isso. O aprendizado dos alunos e o trabalho dos professores ficam prejudicados.

Houveram diversas manifestações dos alunos referentes à nova perspectiva apresentada junto à aquelas turmas. Durante as aulas eles só respondiam quando eram solicitados, mas nas aulas assíncronas eles se manifestavam mais enviando recados via e-mail e pela plataforma disponibilizada pela Coordenadoria de Educação. Como eram 3 turmas e metade das aulas assíncronas priorizei o foco em duas paródias que desenvolvi. A primeira delas foi a “Queda do Império Romano”, paródia para fins educacionais da Música “Anna Júlia” de *Los Hermanos* (1999). A segunda canção foi: “Principais Imperadores do Império Romano”, paródia para fins educacionais da música “Believer” do *Imagine Dragons* (2017). As paródias se destacam por sua intenção. São objetivas e tratam do assunto de forma direta. Normalmente conhecemos as paródias pelo tom jocoso, mas em específico, nas músicas trabalhadas nos estágios elas assumiram uma roupagem particular para cada caso.

Se tratando das aulas assíncronas, elas sempre vinham com propostas de atividades. Assim como nos estágios anteriores, pedi para que a cada aula os alunos desenvolvessem um fichamento das aulas para que no final do estágio fossem avaliados. Alguns alunos fizeram um mapa mental, outros em forma de apontamentos, houve aquele que demonstrou esforço, mas não conseguiu desenvolver as informações das aulas. Todas as formas foram válidas, eles poderiam montar seu fichamento partindo das paródias, dos slides, dos vídeos montagens que foram unidas na linha do tempo imagem junto com a música e também poderiam desenvolver seus fichamentos partindo daquilo que conseguiram extrair das explicações das aulas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito fundamental desta pesquisa foi traçar as relações necessárias para que as aulas de história passem a *fazer sentido para o aluno*. O presente trabalho trouxe relações entre neurociência educacional, estímulo resposta com elementos behavioristas, apropriou-se das pesquisas e posicionamentos dos historiadores que fizeram e fazem pesquisas na área, juntamente com a proposta musical para aula de História.

A música em si, não surte o efeito desejado se não tiver um projeto claro e definido. É trabalhoso, exige tempo e disposição pra cada aula ter uma nova canção. Mas ao mesmo tempo é gratificante o retorno enquanto docentes. O sorriso dos alunos mais tímidos, a motivação dos alunos mais cabisbaixos, os alunos com déficit de atenção participando ativamente, é este o retorno proposto através desta pesquisa, ressaltando os benefícios da Música no ensino de História.

As questões relacionadas à neurociência, partiram empiricamente da experiência do autor aos seus oito anos de idade. Suas dificuldades estavam relacionadas com *déficit de atenção*. Pouco depois, por volta dos meus 10 anos de idade o autor passa a ter seus primeiros contatos com música, canto, violão e piano. Verificando-se a facilidade com a música e o incentivo de outras pessoas para a contínua aprendizagem o autor acaba por sair de um “buraco existencial”, que havia sido, até então, marcado por rótulos e frases como: *você não aprende ou não vai ser nada na vida*. A partir do contato com a música os rótulos e frases dolorosas foram trocados por elogios que proporcionaram ao autor uma nova forma de ver a vida.

Houve então a indagação por parte do autor: como eu conseguia aprender música, mas na escola eu ia muito mal? Tão logo esta pergunta o tocou eu logo o mesmo encontra uma pequena saída parra meu problema, começou a refletir na maneira em que ele conseguia aprender a música, e passou a utilizar da mesma técnica para estudar na escola. Esta prática é conhecida como “aprender a aprender”, e todos os alunos deveriam buscar este conhecimento de maneira natural, porém, o professor é chave fundamental para nortear e despertar os alunos neste processo. Notou-se pelas vivências do autor que por mais que a música fosse de suma importância em sua vida, ele acreditava que poderia melhorar a maneira como ela era ensinada para atender a uma gama maior de disciplinas e processos de aprendizado.

A escola sempre estará limitada a um currículo, a horários, metas, objetivos. Pode-se perceber visualmente os alunos com mais dificuldade de aprendizagem e como os mesmos se constroem por não conseguir aprender como os outros. A falta de habilidades e versatilidades do ensino atual acaba por desmotivar o aluno que não se encaixa nos padrões de ensino, porém

deve-se pensar em metodologias que atinjam os objetivos com todos os alunos, um ensino equitativo, com metodologias ativas que despertem o interesse do aluno. Cabe aos docentes o questionamento: Será que minha aula faz sentido para meus alunos?

As questões da neurociência educacional, do estímulo resposta, das maneiras de abordar música nas aulas de história, respondem a questões diretamente ligadas ao *fazer sentido*. Justificou-se em diversos momentos durante o trabalho o fato de que é preciso ter claro quais são nossas possibilidades em preparar aula de História com Música pensando projetos de longo, médio e curto prazo. Pois então, quais são estes projetos? Um esboço inicial foi o desenvolvimento deste trabalho, agora *no chão da sala de aula*, cada escola, cada turma, cada aluno será um novo palco para desenvolver *projetos*. Projetos de educação, projetos de inserção, de desafios, de novas perspectivas, de acolhimento dos alunos que as escolas fazem muitas vezes questão de rotular. Eu me sentia rotulado em cada aula, em cada escola, porém, só de saber que eu poderia fazer algo, a música, os caminhos se abriram e eu pude ver valor em mim mesmo.

A música lida com emoções, cada tensão de acorde lhe tele transporta para uma nova realidade. A Música pode sim tornar as aulas de História momentos onde, como diz o professor Severo, não fiquem apenas palavras, mas que possam fazer sentido e dar nova luz para nosso ensino, para aqueles que desistiram de aprender.

A maneira que cada professor irá levar Música para sua aula de História irá depender de cada um, de cada professor, de cada escola, de cada localidade e de cada aluno. Não fala-se de uma aula mágica, sem problemas, ou dificuldades. Longe disso, fala-se de consciência, de respeito aos limites, às diversidades. A música pode ser um elo eficaz entre o ensino de História e os alunos.

É como que um desafiar do sistema tal qual se apresenta atualmente. Dar luz para algo que parece apagado. Mas primeiro, pra isso é preciso amar aquilo que se faz, gostar de aluno, gostar de aprender, de ensinar, de conviver com diversidades e situações desafiadoras.

*A Música como ferramenta didática para o Ensino de História* tenta fazer uma dialética entre as formas de aprender, formas de ensinar, formas de observar, formas de acolher e sobre tudo, formas de como dar o devido valor à nossa tão interdisciplinar matéria de Ensino História.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUD, Kátia M.; SILVA, André C. de M.; ALVES, Ronaldo C. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **Sociedade e Cidadania, 9º ano**. São Paulo: Editora FTD, 2015.
- CORTELA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- DAMÁSIO, António R. **O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. 7 Ed. 3. Impr. São Paulo: contexto, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 22. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GHIRARDELLI, Paulo. **O que é Pedagogia**. São Paulo: Círculo do Livro, s/d, 180p.
- HOBBSAWM, Eric. **História Social do Jazz**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- IZQUIERDO, Ivan. Memórias. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, v. 3, n. 6, maio, 1989.
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2006.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.
- METRING, Robert. **Neuropsicologia e aprendizagem: fundamentos necessários para planejamento de ensino**. Rio de Janeiro: Wak, 2011.
- MOREIRA, Ana Claudia et al. **A música na sala de aula: A música como recurso didático**. Unisanta, 2014.
- MOREIRA, Ana Claudia; SANTOS, Halinna; COELHO, Irene S. A música na sala de aula-a música como recurso. **UNISANTA Humanitas**, v.3, n.1, p.41- 61, 2014.

MULLER, Sabrina; RIBEIRO JÚNIOR, Halferd Carlos. O uso de textos e imagens para a construção de relações entre o presente e o passado no ensino de História. **Revista História & Ensino**, Londrina, v.26, n. 2, p. 313-336, jul./dez. 2020.

NAPOLITANO, Marcos. **História e Música**. Belo Horizonte: autêntica, 2002. Coleção História e reflexões.

PARANHOS, Adalberto. **A música popular e a dança dos sentidos**: distintas faces do mesmo. Artcultura, Uberlândia: Edufu, n.9, p.22-31, 2004.

PARANHOS, Adalberto. Rasuras da História: samba, trabalho e Estado Novo no ensino de História. **Revista História Hoje**, v.6, n. 11, p. 7-30, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e Mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RIBEIRO JÚNIOR, Halferd Carlos; SOLÉ, Maria Glória Parra Santos. Modelos de formação de professores de História: um estudo comparado da Universidade Federal da Fronteira Sul (Brasil) e a Universidade do Minho (Portugal). **Revista Educação UFSM**, Santa Maria v. 45. p. 01-20. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducação/article/view/39103/pdf>. Acesso em: 22 jan. 2021.

ROCHA, Viviane Cristina da; BOGGIO, Paulo Sérgio. A música por uma óptica neurocientífica. **Per Musi**, Belo Horizonte, n.27, p.132-140, 2013.

SCHIMIDT, Marca Auxiliadora; MAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione. 2004.

SEVERO, Gerson Egas. **Com Lumière em sala de aula**: Uma contribuição para o debate sobre os usos do filme como suporte pedagógico no ensino de História. Erechim, RS: EdiFAPES, 2004.

SIMÕES, Estela Mari; NOGARO, Arnaldo. **Neurociência Cognitiva para Educadores**: aprendizagem e prática docente no século XXI. Curitiba: CRV, 2016.

SOARES, Olavo P. A Música nas aulas de história: o debate teórico sobre as metodologias de ensino. **Revista História Hoje**, v.6, nº 11, p. 78-99, 2017.

SOUZA, Ranon Bezerra. A música nas aulas de história: o debate teórico sobre as metodologias de ensino. **Revista História Hoje**, v.6, n. 11, p. 78-99, 2017.

SOUZA, Tarik de. L.P. **Chico Buarque**. Coleção História da Música Popular Brasileira – Série Grandes compositores. São Paulo: Abril, 1982.

**ANEXOS**

**Paródia República da Espada**  
**Música: (Mamonas Assassinas) “Chopis Centis”**

A DE A DE  
 República da Espada, com Deodoro e Floriano.  
 A D E A D E  
 1891 criou uma constituição.  
 A D E A D E  
 Instituiu três poderes, extinguiu poder moderador,  
 A D E A  
 Estado tornou-se laico, e a cabresto foi o eleitor.

D E A  
 Deodoro foi muito autoritário,  
 A D E A  
 Mandou fechar o congresso em três de novembro de 91 (1891)  
 D E A  
 Revolta Armada forçou a renúncia  
 D D A  
 Marinha reivindicava que o Deodoro deixa-se a balburdia.

D E A D A  
 Assume o Floriano, isso não estava na lei (constituição)  
 D A D A  
 Os Generais da Marinha pediam nova eleição

D E A D  
 Segunda revolta armada e o Floriano logo reprimiu.  
 A D E A  
 Utilizou o Exército, prendeu revoltosos, isso é Brasil.

D A  
 Republicanos contra Federalistas  
 D E A  
 O Marechal Floriano deixa 10 mil mortos na batalha onde avista.  
 D A  
 Marechal de Ferro ficou conhecido  
 D E A  
 Deixou marca na História isso nunca será esquecido.

**Paródia Primeira República (República Oligárquica)**  
**Música: Queen (We Will Rock You)**

Prudente de Moraes de 1894 a 1898  
Vem o Campos Sales até o ano de 1902

República Oligárquica ou República Velha (2x)

Então vem Rodrigues Alves de 1902 a 1906  
Depois Afonso Pena vai até o ano de 1909

República Oligárquica ou República Velha (2x)

Tem Nilo Peçanha 1909 a 1910  
Então vem Hermes da Fonseca até o ano de 1914

República Oligárquica e seus presidentes (2x)

Venceslau Brás de 1914 até 1918  
Vem Delfin Moreira até 1919

República Oligárquica e seus presidentes (2x)

Epitácio Pessoa 1919 a 1922  
Então vem Arthur Bernardes até 1926

República Oligárquica ou República Velha (2x)

Washington Luís de 1926 até o ano 1930  
Crise de 29 a Aliança Liberal instaura um golpe com Getúlio Vargas

República Oligárquica e seus presidentes (2x)

**Paródia Primeira República**  
**Música de Bon Jovi (It's My Life)**

Revolta Armada de número um  
Forçou a renúncia do Marechal Deodoro  
Liderados por Custódio de Melo (Marechal)  
Ameaçaram bombardear o Rio de Janeiro.

Disputa de poder entre a Marinha e o Exército  
Por Deodoro fechar o Congresso  
Ter dificuldade com oposição

Com a primeira Armada caiu o Deodoro.  
Deixa em seu lugar Floriano Peixoto  
E tem mais problemas vindo por aí  
Revolta da Armada.

Revolta da Armada de número dois  
Inicia em 1893  
Termina em 1894  
Deixam 10 mil mortos em várias batalhas

Floriano usa o Exército  
Pra abafar segunda da Armada  
Custódio de Melo queria poder

Marinha ainda era de tradição Monarquista  
Não aceitava perder seu prestígio  
Mas foram derrotados por Marechal de Ferro

**Paródia**  
**Primeira Grande Guerra e seus impactos na República Velha**  
**Música de Coldplay (Viva La Vida)**

Primeira Guerra Mundial no período da Primeira República  
Um momento onde inicialmente o Brasil declarou-se neutro

Afundado em área restrita em 1916  
O navio brasileiro Rio Branco a serviço da  
Inglaterra com tripulação Norueguesa.

Este fato não afetou as posições de neutralidade  
Mas em seguida o navio Paraná afundado pela marinha alemã  
Este episódio causou comoção brasileira  
E muitos se manifestaram antigermânico  
E veio a queda do ministro Lauro Muller  
Com muitos outros navios torpedeados

E assim o Brasil entrando na Guerra  
Ajudou com uma esquadra Pilotos e médicos  
Para barrar integrantes da chamada Triplica Aliança  
(Alemanha, Itália e Império Austro-húngaro.)

Essa Guerra gerou um problema  
Nosso café ficou sem comprador  
Nova crise abala o Brasil  
Refém da monocultura e o sistema opressor

A guerra nos alertou um problema  
Era preciso variar produção deixar o antigo sistema  
Incentivar industrialização

Pra tornar o Brasil competitivo  
Do jeito que vinha não dava mais não  
Era assim que a duras custas aprendemos enfim.

**Paródia Revolta de Canudos**  
**Música de Guns N' Roses (Sweet Child O' Mine)**

A Revolta de Canudos se deu de 1896 a 1897  
Liderados por Antônio Conselheiro na Vila de Belo Monte  
Eram contra a República e a favor da Monarquia.

Movimento messiânico de 20 mil homens (mulheres, homens e crianças)  
Para o fim do mundo estavam preparados

Um movimento sócio religioso contra o exército  
Onde de quatro expedições em três delas Canudos sai vencedor

A primeira foram 113 soldados a segunda 600  
A terceira 1300, mas na última 10.000 militares.

Assim foi na quarta expedição Canudos foi ao chão  
Chega ao fim à resistência do sertão

### Paródia Revolta do Contestado The wall (Pink Floyd)

A Revolta do Contestado  
 Foi liderada por José Maria  
 Durou de outubro de 1912  
 Até agosto de 1916

Contestavam perder terra pra ferrovia  
 Eram 15 quilômetros de cada lado da linha

A empresa Brazilian Railway  
 Ligava a linha férrea de São Paulo ao Sul  
 Percival Farquhar era o dono  
 Dessa empresa e muito mais

Dez mil mortos foi o que restou  
 O exército aniquilou a revolta  
 Em Santa Catarina e no Paraná

Revoltas Urbanas da Primeira República  
 Paródia Revolta da Chibata  
 Música Popular Italiana (Bella ciao)

Fim de novembro, mil novecentos e dez,  
 Liderados por João Cândido  
 Surge a revolta de marinheiros  
 Foi a Revolta da Chibata  
   Contra os castigos de marinheiros  
   Também pediam por anistia  
   Dos revoltosos, ameaçavam  
   Caso contrário bombardear Rio de Janeiro  
 O Presidente Hermes da Fonseca  
 Inicialmente aceita as reivindicações  
 Mas em seguida, baixa um decreto  
 Para Marinha expulsar os rebeldes  
   Foi dezessete, mais João Cândido  
   Para prisão na Ilha das Cobras  
   Em uma sela onde morreram  
   De todos somente restaram dois  
 E desses dois, um deles foi  
 João Cândido o grande herói  
 Ele é lembrado, é o defensor  
 Que lutou por direitos humanos  
   Fim da chibata, foi o legado  
   Do Almirante negro  
   Nunca esqueça de sua bravura  
   Em resistir pelos marinheiros

**Paródia Revolta da Vacina**  
**Mamonas Assassinas (Brasília Amarela)**

Revolta da vacina...é uma revolta urbana, no Rio de Janeiro durou em torno de seis dias  
Foi no mês de novembro, dias dez ao dezesseis de mil novecentos e quatro que o motim  
Se deflagrou .....Revolta da Vacina.....Foi o estopim para o motim

Foi com Osvaldo Cruz, pra vencer a Varíola, peste bubônica e a febre amarela  
Vacinação obrigatória, a população não aceitava essa imposição  
Assim foi o motim, e não foi só por isso, eram contrários ao programa de  
Higienização

Queriam modernizar, a cidade inteira,

Nem que para isso os pobres

Fossem embora...

Revolta da Vacina...Foi o estopim...que estourou motim

**Paródia República da Espada**  
**Música: Mamonas Assassinas “Chopis Centis”**

Republica da Espada, com Deodoro e Floriano.  
1891 criou uma constituição.

Instituiu três poderes, extinguiu poder moderador,  
Estado tornou-se laico, e a cabresto foi o eleitor.

Deodoro foi muito autoritário,  
Mandou fechar o congresso em três de novembro de 91 (1891)

Revolta Armada forçou a renúncia  
Marinha reivindicava que o Deodoro deixa-se a balburdia.

Assume o Floriano, isso não estava na lei (constituição)  
Os Generais da Marinha pediam nova eleição

Segunda revolta armada e o Floriano logo reprimiu.  
Utilizou o Exército, prendeu revoltosos, isso é Brasil.

Republicanos contra Federalistas  
O Marechal Floriano deixa 10 mil mortos na batalha onde avista.

Marechal de Ferro ficou conhecido  
Deixou marca na História isso nunca será esquecido.

**Paródia Primeira República**  
**Música de Raul Seixas (Meu amigo Pedro)**  
**Coluna Prestes**

Da Coluna Prestes vou falar  
Foi do ano de um nove dois dois (1922) a um nove dois sete (1927)  
Resultado de três movimentos Tenentistas  
Pela insatisfação dos militares

No primeiro em um nove dois dois (1922)  
Na tentativa de tomar o forte Copacabana  
De dezoito militares só restaram dois  
Foram a São Paulo e lá foram novamente derrotados

A coluna Prestes se formou  
Percorrendo o interior do Brasil  
E liderados por Luís Carlos Prestes

Ao formar em Santo Ângelo a coluna do Sul  
E juntar-se aos paulistas em Foz do Iguaçu  
Foram entre mil e setecentos a dois mil homens  
Uma longa caminhada para acordar o país

Percorreram vinte e cinco mil quilômetros  
Conscientizando o povo contra a oligarquia  
Junto a Luiz Prestes foi Miguel Costa  
Liderando juntos o movimento

Reivindicavam reformas na educação  
A maioria do povo era analfabeto  
Também pediam mais saúde e um plano de carreira

## Queda do Império Romano Paródia da música “Ana Julia” (Los Hermanos)

As causas do império ruir/ você vai conhecer  
Dentre elas vamos ver/ **DISPUTAS INTERNAS**  
Foi com Júlio Cesar o imperador/ que mudou o regime  
A república se tornou/ um **império** mas manteve o **Senado**  
Gerando desconforto/ entre a classe política e os militares

Império romano vai cair/ por disputas internas vai cair.  
Generais se rebelaram contra o poder/  
Mergulhando o império em guerras civis.

**INVASÕES DE BÁRBAROS** também/ contribuíram para o fim  
Bárbaro era todo aquele que/ vivia fora do império  
Devido à crise econômica/ o exército perde força  
E aos poucos vem a se expandir/ a presença de bárbaros  
Eles sempre pensavam/ serem os jutos herdeiros/ do império romano

Invasões de bárbaros/ foi mais uma das causas do império cair  
Bárbaros acreditavam/ serem os legítimos herdeiros

**DIVISÃO ENTRE OCIDENTE E ORIENTE**/ foi a terceira causa  
O império se dividiu em dois/ em 300 depois de cristo  
A parte do império ocidental/ sua capital é Roma  
A parte oriental/ sua sede é na cidade de Bizâncio  
Mas o Imperador Constantino/ trocou o nome pra Constantinopla  
E mais tarde foi chamada de Istambul

Divisão entre oriente e ocidente/ foi mais uma das causas  
Acentuou as diferenças entre suas culturas/  
Foi o império do ocidente que caiu

Crise econômica e a falta de escravos/  
Crescimento do cristianismo em meio ao paganismo/  
Sociedade e o governo já desgastados bem divididos/

Estas foram as causas do império cair/  
Estas foram as causas/ causas/ causas/ do império cair

(Paródia criada pelo estagiário Carlos Baú, para turmas de primeiro ano da escola Haidée de Erechim RS em nov de 2020)

### **Principais imperadores do império romano** **Paródia da música “Believer” (Imagine Dragons)**

Entre os principais imperadores/ do império romano  
Otaviano **Augusto** de 27 a.C./ a 14 d.C.  
Ele anexou as regiões da Gália e da Judéia  
Dividindo a capital do império em 14 províncias  
Pra melhorar a cobrança de impostos  
**Cláudio** governou em 41 ao ano de 54  
Construindo canais/ aquedutos e estradas

Facilitar o deslocamento

Mas sua grande façanha foi ter conquistado a Britânia

Mas sua esposa envenenou sua comida em 54

**Nero** de 54 a 68/ depois de Cristo

Não/ não fez nada pra apagar o fogo em Roma em 64

Assassinou o filho do ex-imperador e ordenou a morte de sua...

Mãe..... depois cometeu suicídio em 68.

Depois foi a vez de **Tito**/ Flávio Vespasiano

Do ano de 79 ao ano de 81/ foi que Tito governou

Destruiu o templo do Rei Salomão/ pra acabar com as revoltas

Revoltas palestinas/ iniciando a diáspora

Concluiu o Coliseu/ novo incêndio ocorreu

Erupção do Vesúvio que acabou com a Pompéia

**Trajano**/ de 98 a 117 foi Trajano

Construiu o Fórum de Trajano e perseguiu os Cristãos

**Adriano** governou em 117 a 138 implantando o Édito Perpétuo

Que valeu até o fim do império

**Diocleciano** de 284 a 305 instituiu uma diarquia e uma tetrarquia

Dividiu o território em ocidente e oriente

Perseguiu os cristãos com Éditos Persecutórios

**Constantino**, de 306 a três, três, sete... três, três, sete

Termina a perseguição ao cristianismo em 313

Transferiu a capital para o oriente/ e Bizâncio foi chamada de Constantinopla